A INSTITUIÇÃO DA ADORAÇÃO A DEUS

Êxodo 25.1 —40.38

No período de quarenta dias em que Moisés permaneceu no monte, Deus lhe apresentou os métodos de adoração a ser dados ao povo. Moisés forneceu as instruções e o povo confeccionou os objetos usados na adoração. O fracasso de Israel enquanto Moisés esteve ausente está registrado entre a revelação dos projetos a Moisés e a fabricação e montagem do santuário. Esta seção final do Livro de Êxodo revela a paciência de Deus em lidar com seu povo rebelde e mostra os detalhes minuciosos que são requisitos para o povo adorá-lo.

A PLANTA DO TABERNÁCULO, 25.1—31.18

1. As Ofertas para a Construção do Tabernáculo (25.1-9; cf. 35.4-19)

Antes da construção de um lugar de habitação para Deus, o povo teria de levar suas ofertas. Cada israelita daria conforme o coração o movesse voluntariamente (2). A oferta para a casa de Deus não era um imposto, mas uma doação de livre e espontânea vontade.

Os metais preciosos que Israel possuía nesta época eram provenientes da riqueza dos ancestrais e dos ricos presentes recebidos dos egípcios na saída do Êxodo. A pilhagem que os israelitas realizou entre os amalequitas angariou mais riquezas. A provisão de ouro (3) foi abundante; também levaram prata e cobre (bronze, provavelmente).

O azul, a púrpura e o carmesim (4) se referiam a fios de linho dessas cores. O linho fino era uma linha macia e branca torcida da fibra do linho. Pêlos de cabras eram comumente usados para confeccionar tendas, e tais materiais ainda hoje são utilizados para esse fim no Oriente Próximo.

O norte da África era famoso por suas peles de carneiros tintas de vermelho (5); Israel trouxe estes materiais do Egito. Visto que os texugos não eram naturais do norte da Africa, é provável que a palavra original se refira a alguma criatura marinha (cf. NVI, nota de rodapé; “peles finas”, ARA; NTLH). A madeira de cetim provinha da acácia, árvore encontrada com abundância na península do Sinai.

A descrição do azeite para a luz (6) é mais detalhada em 27.20. As especiarias eram necessárias para fazer o óleo da unção e o incenso. Não está claro o que seriam as pedras sardônicas (7).

Israel tinha de fazer um santuário no qual Deus habitaria (8). Embora o Senhor não possa ser contido em uma habitação, era do seu agrado se manifestar por meio de um edifício. O santuário seria feito de acordo com o modelo do tabernáculo mostrado no monte (9; cf. Hb 8.5).

O santuário, ou santo lugar, era alusão geral à totalidade das instalações do edifício, inclusive o pátio, ao passo que o termo tabernáculo ou "Tenda do Encontro" (27.21, NVI) se aplicava somente à tenda. Outros nomes usados para se referir ao santuário são o "tabernáculo do SENHOR" (Nm 16.9) e o "tabernáculo do Testemunho" (38.21). Mais tarde, o nome "templo" foi aplicado ao santuário depois de ficar mais permanentemente situado em determinado local (1 Sm 1.9; 3.3).

2. A Mobília do Tabernáculo (25.10-40; cf. 37.1-29)

A arca do Testemunho (25.10-22). O objeto mais sagrado do Tabernáculo era a arca (ver Diagrama A). Era chamada a arca do Testemunho (22), a "arca do SENHOR" (1 Sm 4.6), a "arca de Deus" (1 Sm 3.3) e a "arca do concerto do SENHOR" (Dt 10.8).

A arca era uma caixa ou baú feito de madeira de cetim (10), medindo aproximadamente um metro e 12,5 centímetros de comprimento por 67,5 centímetros de largura e profundidade. O côvado era medida linear de mais ou menos 45 centímetros. A arca era revestida de ouro puro (11) por dentro e por fora; tratavam-se provavelmente de lâminas de ouro. A coroa de ouro era uma "moldura de ouro que formava uma beirada".

Nos quatro cantos da arca havia argolas de ouro (12). Por estas argolas, também revestidas de ouro (13), colocavam-se varas que serviam para carregar a arca (14). As varas, ou bastões, nunca deveriam ser removidas da arca (15), pois assim se evitava a necessidade de tocar na arca; também era lembrança constante da mobilidade de Deus.

Dentro da arca seria colocado o Testemunho que Deus daria a Moisés (16). O Testemunho era, provavelmente, as duas tábuas de pedra (31.18) contendo o Decálogo (cf. 16.34).

O propiciatório de ouro puro (17) era uma laje que servia de tampa para a arca (ver Diagrama A). Suas dimensões eram exatamente as mesmas da arca. Chamava-se propiciatório, porque era o lugar da expiação onde estava simbolizada a misericórdia. Os querubins (18), já mencionados como guardiões do jardim do Eden (Gn 3.24),

constituíam uma alta categoria de anjos associada com a presença de Deus (19). A idéia mais predominante é uma forma humana com asas, como o egípcio “ma, ou verdade, tão freqüentemente visto em arcas egípcias”, que abrigava um emblema de deidade.

Em cada lado, tinha de haver um querubim com as asas erguidas e estendidas sobre o propiciatório, enquanto as faces deles ficavam olhando para baixo em direção ao meio da arca (20). Desta maneira, eles vigiavam a revelação de Deus ao homem ao mesmo tempo em que viravam o rosto em ato de humildade para não ver a glória de Deus.

Lá, de cima do propiciatório, Deus prometeu comungar com Moisés e lhe revelar toda a sua vontade (22).

Há lições maravilhosas que a arca e o propiciatório ensinam sobre os fatos espirituais. O ouro puro era precioso, como é a presença santa de Deus. O ouro dentro da arca, que não podia ser visto, representava a pureza que Deus deseja no coração dos homens. Colocar os mandamentos na arca revestida de ouro tornou-os preciosos e belos, simbolizando a lei escrita no coração dos homens.

O propiciatório era colocado em cima da arca, porque “a misericórdia [de Deus] transcende a justiça”. Rawlinson escreve:

O ensino da arca sob este aspecto era, primariamente, o que Davi ensinou no Salmo 85: “A misericórdia e a verdade se encontraram”. Misericórdia sem justiça é sentimentalismo fraco, subversivo da ordem moral. Justiça [verdade] sem misericórdia é uma severidade moral — teoricamente sem defeito, mas revoltante aos sentimentos instintivos do homem. É preciso a síntese das duas qualidades. A lei, entesourada no lugar mais santo do santuário, defendia a pureza e perfeição terrível de Deus. O propiciatório, que se estendia sobre a lei, atribuía à misericórdia sua posição diretiva superior. As figuras dos querubins mostravam o olhar fixo dos anjos com surpresa e admiração pelo modo de Deus unir a misericórdia com a justiça. Uniu-as pelo sofrimento vicário, o qual Ele aceita como expiação. Por fim, a presença divina, prometida como algo permanente, dava a sanção de Deus ao plano expiatório. E por este meio que o homem pode ser reconciliado com Deus e que as exigências da justiça e da misericórdia [podem ser] satisfeitas.

b) A mesa da proposição (25.23-30). Era uma mesa plana e lisa feita de madeira de cetim (23; “madeira de acácia”, ARA), como a arca, e revestida com ouro puro (24). Media cerca de 90 centímetros

de comprimento, por 45 centímetros de largura e 67,5 centímetros de altura. Como decoração, havia uma coroa de ouro, ou borda, em torno da extremidade superior; este ornamento servia para impedir que o pão escorregasse da mesa (ver Diagrama A).

A moldura ao redor, da largura de uma mão (25), era uma faixa de uns oito centímetros de largura colocado entre as pernas da mesa imediatamente abaixo da coroa de ouro. Esta faixa servia de suporte para as pernas da mesa. A coroa de ouro na faixa era uma borda ou beira de ouro para fins decorativos.

As argolas de ouro (26) para as varas eram semelhantes às argolas da arca. O versículo 27 indica que as argolas foram fixas na faixa perto do meio das pernas da mesa. Os varais (28), ou bastões, tinham as características das varas da arca e eram usados para transportar a mesa.

Os pratos (29) serviam para carregar o pão. As colheres eram "cálices para derramar o incenso sobre o pão, identificando-o como sacrifício (Lv 24.7). As cobertas ("taças", NTLH) e tigelas eram para armazenar e despejar o vinho da oferta de bebida. Todos estes utensílios eram feitos de ouro puro.

Sobre a mesa na presença de Deus devia ficar continuamente o pão da proposição (30). Eram os "pães da Presença" (NVI). Não eram alimentos para Deus, mas símbolos do pão espiritual pelo qual Israel seria alimentado. Por sua qualidade, os pães lembravam que os israelitas dependiam de Deus para satisfação das necessidades cotidianas. 9 Havia 12 pães, representando todas as tribos. Os pães tinham de ser substituídos todos os sábados (Lv 24.5,8). O pão da proposição também significava a comunhão ininterrupta do povo de Deus com Ele. O pão indicava Cristo, o Pão Vivo (Jo 6.35).

c) O candelabro (25.31-40). Certos críticos bíblicos têm dúvidas sobre a origem do Tabernáculo durante os dias de Moisés e consideram que grande parte do material encontrado nestas descrições foi escrita em época muito posterior. Asseveram quem candelabro descrito neste texto só foi conhecido centenas de anos mais tarde. Contudo, recentes descobertas feitas por W. F. Albright confirmam a existência de candelabros de descrição similar já em 1200 a 1400 a.C. (ATA, nota de rodapé).

O castiçal (31), mais propriamente um candelabro ou suporte de lâmpadas, era feito de ouro puro (ver Diagrama A). Para seu fabrico

foi usado um talento de ouro puro (39), cujo peso é cerca de 42,6 quilos. O pé e as canas são mais corretamente o “pedestal” e a “haste” (NVI), sendo que a haste é a hástea vertical do meio, chamada castiçal mesmo no versículo 34. As copas, maçãs e flores eram “seus cálices, suas romãs e seus botões” (“as taças, as flores e os botões”, NVI). Estes ornamentos eram para decorar a haste e seus braços ou hastes secundárias.

De cada lado da haste central saíam três canas ou braços — as seis canas (32) que, com a haste central, formavam sete recipientes ou suportes para as lâmpadas, como um candelabro. Havia três copos (cálices com formato de flor de amêndoa) em cada braço, cada um com sua maçã e flor (33), enquanto que na haste central havia quatro desses cálices (34).

Supomos que cada braço tivesse uma decoração de três cálices, um em cada ponta e mais um no centro, enquanto que a haste central tinha quatro cálices, um em cada ponto de onde saíam os braços (35) e mais um na ponta. As repetições no versículo 35 dizem simplesmente: “Haverá um cálice [a base verde do botão da flor] debaixo de cada par dos seis braços [que saem da haste central]” (VBB). Estes cálices eram impressos diretamente no material da haste central e dos braços (36).

As lâmpadas (37) eram colocadas em cima das seis canas ou braços e da haste central. O texto não descreve como eram, mas julgamos que tinham a forma de tigelas ou pires possivelmente com um lado comprimido formando uma beira estreitada. Estas lâmpadas eram acesas durante a noite para iluminar o ambiente. Colocava-se óleo no pires e havia um pavio que se estendia até à beira estreitada.

Os espevitadores (38) serviam para aparar, pela manhã, o morrão do pavio das lâmpadas. O excesso de cinza era cortado do pavio e colocado nos apagadores, onde também ficavam os espevitadores.

O versículo 40 é uma recomendação de Deus para que Moisés fizesse todas estas coisas de acordo com o modelo que lhe fora mostrado no monte. Pelo visto, Deus lhe apresentara em visão o Tabernáculo e sua mobília, e depois forneceu instruções mais detalhadas.

Na Bíblia, é freqüente a luz ser usada como símbolo de Deus; Jesus é a Luz do Mundo. Estas lâmpadas no Tabernáculo geravam luz pelo óleo, tipo do Espírito Santo. Israel tinha de ser luz no mundo, como hoje os cristãos devem ser. João falou sobre as “sete lâmpadas de

fogo, as quais são os sete Espíritos de Deus” (Ap 4.5), indicação clara ao Espírito Santo.

3. O Tabernáculo (26.1-37; cf. 36.8-38)

a) As coberturas (26.1-14). A armação do Tabernáculo propriamente dito tinha 4,5 metros por 13,5 metros (ver Diagrama A), As cortinas (1, coberturas) iam por cima da estrutura de madeira (18-30) e serviam de teto e telhado, Estas cortinas para cobrir eram feitas de linho fino colorido com formas de querubins tecidas no pano. Devia haver dez cortinas, cada uma medindo cerca de 12,6 metros por 1,8 metro. Estas eram enlaçadas (costuradas) uma na outra em grupos de cinco (3), fazendo duas coberturas amplas de 12,6 metros por 9 metros cada.

No lado que media 12,6 metros de cada uma destas coberturas amplas, havia cinqüenta laçadas (4). A juntura é a borda ou extremidade do tecido. As laçadas serviriam de encaixe (5), de forma que estas duas cortinas grandes se prendessem uma na outra com cinqüenta colchetes (6), ou ganchos, de ouro, formando uma cobertura grande de 12,6 metros por 18 metros. O propósito de poderem ser divididas em duas partes era para facilitar o transporte. Esta cobertura era colocada em cima da estrutura santa. O registro bíblico não detalha exatamente como isso era feito. Imaginamos que houvesse bastões longitudinalmente dispostos em cada ponta da cobertura com uma viga mestra de telhado no meio. A cortina era bastante grande (18 metros) para cobrir todos os 13,5 metros da armação do Tabernáculo, sobrando 4,5 metros na parte da frente, formando um tipo de varanda, ou na parte de trás, ou parcialmente em ambas as extremidades. Também sobrava alguma coisa dos lados, dependendo da altura da viga mestra de telhado, e era firmada no chão com cordas e estacas.

Em cima desta primeira cobertura era colocada uma segunda cortina feita dos pêlos de cabras (7). Esta cortina era feita de modo semelhante que a primeira, exceto que as cortinas eram 90 centímetros mais compridas (8; ou seja, cada uma media 13,5 metros por 1,8 metro), e havia onze peças (9). Juntadas, estas cortinas formavam a segunda cobertura grande 90 centímetros mais larga e 1,8 metro mais comprida que a primeira (ou seja, esta segunda cobertura grande media 13,5 metros por 19,8 metros). As duas seções, uma formada com cinco cortinas e a outra com seis, eram unidas por cinqüenta colchetes de cobre (11, bronze) em vez de ouro. Colocada em cima da cobertura interna, esta se estendia por 45 centímetros a mais de cada lado (13), como uma sanefa. O

comprimento extra era dobrado parcialmente, formando um detalhe decorativo na frente do Tabernáculo (9) e o comprimento restante ficava dependurado na parte de trás (12).

Mais duas coberturas, uma feita com peles de carneiro e a outra com peles de texugo (ver comentários em 25.5), foram confeccionadas para serem postas em cima das duas primeiras (14). Estas coberturas eram mais impermeáveis, mantendo a chuva e o calor do lado de fora. O texto não diz qual era o tamanho dessas peles, mas com certeza eram bastante grandes para cobrir a área superior que ficava rente ao Tabernáculo propriamente dito.

b) A estrutura de madeira (26. 15-30). As tábuas para o tabernáculo (15), feitas de madeira de cetim (acácia), mediam 4,5 metros de comprimento por 67,5 centímetros de largura (16). Não há menção da espessura. Levando em conta que as árvores de acácia nesta região eram baixas, estas tábuas foram feitas pela junção de várias peças. As tábuas eram colocadas em pé, lado a lado, em torno do edifício, formando os dois lados e a parede de trás. As duas coiceiras eram pinos (lit., “mãos”) que ficavam na ponta inferior de cada tábua para prendê-las por encaixe nas bases de prata (19).

Em cada lateral do Tabernáculo (18,20) tinha de haver vinte tábuas, cada uma com duas bases de prata, bastante pesadas (ver 38.27), para a fundação de cada tábua (19,21). As duas coiceiras em cada tábua se encaixavam com firmeza a estas duas bases, firmando a tábua em pé. Para a banda do meio-dia, ao sul (18) significa literalmente “no lado sul, à direita”. Os nativos do Oriente ficavam de frente para o leste quando ensinavam caminhos. Visto que o Tabernáculo era face leste, o sul seria à direita, o norte ficaria à esquerda e o oeste estaria atrás.

No lado ocidental devia ter seis tábuas (22) com mais duas tábuas para formar os dois cantos do tabernáculo (23). O texto não detalha como eram dispostos estes pilares de canto (24). Pelo visto, eram fixos de certa forma a manter a largura do edifício em dez côvados (seis tábuas dão somente nove côvados) ou 4,5 metros. As oito tábuas (25) deste lado tinham o mesmo número de bases e coiceiras como as outras. No total, perfaziam 48 tábuas e 96 bases.

Para unir as tábuas, foram feitas barras de madeira de cetim (26), cinco para cada lado e cinco para a parte de trás do Tabernáculo. A última frase do versículo 27 é mais bem traduzida por “para as tábuas na parte de trás do tabernáculo, para [formar] a parede que fica no lado ocidental” (ATA). Uma barra, no meio, colocada

transversalmente e a meia distância nas tábuas verticais (28), ia de ponta a ponta das paredes laterais e dos fundos. Aparentemente as outras quatro barras de cada parede eram mais curtas. Todas estas tábuas e barras eram revestidas de ouro (29), com também eram as argolas nas tábuas pelas quais as barras eram colocadas.

Novamente Deus lembra Moisés que construísse este edifício de acordo com o padrão mostrado no monte (30). A imagem mental do bloco construtivo formada até aqui está ganhando nitidez. Com tábuas de 4,5 metros de altura, havia dois lados emparedados de 13,5 metros de extensão cada, uma parede de 4,5 metros de largura na parte de trás e uma frente aberta. Em cima desta estrutura estava esticada uma cortina de quatro camadas, provavelmente sobre uma viga mestra de telhado cobrindo totalmente a construção.

c) O véu e o biombo (26.31-37). Um véu (31), de confecção semelhante à primeira cobertura (1), dividia o Tabernáculo em dois compartimentos (33). Para pendurar o véu, havia quatro colunas de madeira de cetim cobertas de ouro (32) fixadas sobre quatro bases de prata semelhantes às tábuas das paredes. O número par de colunas sugere que eram de comprimento igual e, portanto, não chegavam à altura do telhado da tenda — presumindo que o telhado fosse inclinado.

O véu era pendurado debaixo dos colchetes (33), ou ganchos (6,11), unindo-se com as coberturas. A menos que esta declaração seja muito geral, significaria que o véu que divide os dois compartimentos foi colocado mais ou menos na metade do Tabernáculo. Aceitamos que o santuário (o Lugar Santo) tivesse 9 metros de comprimento e o lugar santíssimo (o Santo dos Santos), 4,5 metros, embora em nenhum lugar da Bíblia encontremos esta informação. E possível que a sobra de 4,5 metros da cobertura grande (ver comentários no v. 6) ficasse na parte de trás do Tabernáculo. Com este arranjo, a junção da cobertura grande se situaria exatamente em cima do lugar tradicional do véu. E interessante destacar que a teoria de um telhado plano descrita por Davis também permite este tipo de divisão.16

A arca do Testemunho, com o propiciatório tampando a arca (34), foi colocada no lugar santíssimo, que era dentro do véu (33). A mesa da proposição e o castiçal (35) foram acondicionados fora do véu (ou, à sua frente), no Lugar Santo. A mesa ficava na banda do norte, ou à esquerda de quem entrasse, e o candelabro ficava no sul. O altar de incenso (30.1-6) também foi colocado no Lugar Santo perto do véu (ver Diagrama A).

Para a abertura da frente do Tabernáculo, confeccionaram outra cortina, chamada “biombo” (36, RSV; “reposteiro”, ARA). A cortina era menos elaborada, pois não tinha querubins, provavelmente porque ficava mais longe da arca e era comumente usada pelos sacerdotes. Este biombo ficava pendurado por cinco colunas de madeira de cetim (37) revestidas de ouro e com colchetes, ou ganchos, de ouro. As bases eram de cobre (bronze), pois o uso desta entrada era mais comum. Considerando que havia cinco colunas, conjeturamos que fossem de comprimentos desiguais, com a coluna central servindo de suporte para a viga mestra de telhado que sustentava as coberturas.

Há excelentes lições espirituais no capítulo 26. A cobertura graciosamente colorida que estava por baixo das outras coberturas só podia ser vista por dentro do Tabernáculo. De fora, os pêlos de cabra, as peles de carneiro e de texugo davam uma aparência muito comum, mas de dentro a beleza era notória. De fora, o caminho de Deus parece monótono e pouco atraente, mas para o cristão a visão interior é gloriosa.

Muitos artigos — a mesa, a arca, as tábuas, o altar de incenso — eram feitos de madeira de acácia comum, mas revestidos de ouro. Esta madeira tipifica a humanidade — comum, imperfeita e defeituosa —‘ mas revestida com a presença de Deus. Pessoas desprovidas de valor próprio são enriquecidas com o ouro da glória divina.

Havia graus na aproximação a Deus. Lá fora estava o mundo, separado do Lugar Santo por uma cortina. A entrada por esta cortina ocorre espiritualmente pelo arrependimento e fé. Uma vez dentro, o adorador recebe a alegria diária da luz e do pão vivo, como também ação de graças constante tipificado pelo altar de incenso. Mesmo para estes adoradores, um véu os separava da presença mais íntima de Deus. Na cruz, o véu foi rasgado em dois (Mt 27.51), possibilitando o acesso a Deus pela fé. Mas os cristãos têm de ter “ousadia para entrar no Santuário [o Lugar Santíssimo], pelo sangue de Jesus” (Hb 10.19). Há cristãos que, pela fé, desfrutam a experiência mais rica da plenitude espiritual, ao passo que outros ficam fora do véu.

4. O Altar Grande (27.1-8; cf. 38.1-7)

Um altar de bronze fazia parte importante da adoração de Israel. Situado fora do santuário propriamente dito, era o primeiro objeto que se via quando a pessoa chegava ao lugar santo. Era lembrança

constante da necessidade de expiação e arrependimento. Neste altar, o animal sacrifical era oferecido a Deus como expiação pela culpa.

Este altar (1) era feito de madeira de cetim (acácia) revestida de cobre (2, bronze). Tinha formato quadrado, medindo 2,25 metros de cada lado por 1,35 metro de altura. Era uma caixa oca e (8) aberta de ambos os lados. Tinha varas colocadas em argolas com a finalidade de transportá-la (6,7) de modo semelhante à mobília do Tabernáculo.

Considerando que Israel só devia fazer altares de terra ou com pedras naturais, sem uso de instrumentos de ferro (20.24,25), julgamos que este altar semelhante a caixa era cheio de terra sempre que Israel assentava acampamento. Os animais sacrificais eram colocados em cima da terra que enchia a armação de madeira e bronze.

Nos quatro cantos do altar havia pontas (2) que faziam parte da estrutura. Tinham provavelmente a forma de chifre de animal. Eram importantes como símbolos de poder e proteção (1 Rs 1.50). Os chifres eram besuntados com o sangue do animal sacrificado (Lv 4.7). Estes chifres, apontando para o céu, “falavam do Deus a quem o altar fora construído, e indicava a capacidade divina em ajudar, proteger e socorrer os seus adoradores”. Denotavam a vitória do homem sobre o pecado mediante a expiação simbolizada pelo altar.

Os instrumentos usados com relação ao altar eram feitos de bronze. Havia caldeirinhas (recipientes) para recolher as cinzas (3), pás para remover as cinzas, bacias para receber o sangue, garfos para organizar os pedaços de carne e braseiros, usados provavelmente para levar as brasas de fogo para o altar de incenso. Não está claro para que servia o crivo de cobre em forma de rede (4,5), ou onde era colocado, pois é impossível identificar o cerco do altar (5). Poderia ter sido uma grade próxima do topo do altar para pegar pedaços dos animais que caíssem, ou poderia ficar na base para impedir que os pés dos sacerdotes tocassem o altar.’°

5. O Pátio (27.9-19; cf. 38.9-28)

E interessante assinalar que o altar foi descrito antes do pátio que rodeava o tabernáculo (9), como ocorreu com a mobília do Tabernáculo, que foi detalhada antes da estrutura propriamente dita

(25.10—26.30). Este pátio servia de recinto cercado para os israelitas que iam adorar diante do Tabernáculo. Era espaço reservado para os adoradores se separarem do mundo exterior e conferia santidade na aproximação à presença de Deus (ver Diagrama B).

O pátio era um retângulo de 45 metros de comprimento por 22,5 metros de largura. Em cada lado, no sul e no norte (9-11), havia vinte colunas com as bases feitas de cobre (bronze). O lado do ocidente precisava de dez colunas (12). Quanto à expressão ao lado do meio-dia, para o sul (9), ver comentários em 26.18.

Estas colunas eram firmadas no chão em suas bases por meio de cordas fixas ao chão com pregos, ou seja, estacas (19, ARA). Entre as colunas havia faixas confeccionadas em prata (11). Tratavam-se de barras entre as colunas sobre as quais a cortina era pendurada pelos colchetes feitos de prata (17). Uma cortina de linho fino torcido, provavelmente na cor branca," medindo 2,25 metros de altura (18), estendia-se pelos lados, por trás e na frente, onde havia três colunas de cada lado da porta (14,16).

A porta com nove metros de largura ficava no lado leste, no meio da frente do Tabernáculo (16). Era uma cortina de pano azul, e púrpura, e carmesim como também de linho fino torcido, sustentada deste lado por quatro colunas centrais. Cingidas de faixas de prata (17) é boa tradução (cf. NTLH). Toda vez que o Tabernáculo era montado, a frente sempre ficava voltada para o leste. A cortina para a porta era semelhante à que estava pendurada em frente do Tabernáculo propriamente dito (26.36,37).

O Tabernáculo e o pátio ensinam passos sucessivos na aproximação a Deus. Os materiais mais preciosos estavam no Lugar Santíssimo; o Lugar Santo tinha menos ornamentos, ao passo que os materiais no pátio eram os mais simples. Quanto mais perto nos aproximamos de Deus, mais glória e graça há. Só o sumo sacerdote podia entrar no santuário mais sagrado. Os outros sacerdotes serviam no compartimento exterior. Os israelitas leigos só tinham permissão de entrar no pátio, e somente quando estivessem cerimonialmente limpos. Os imundos tinham de permanecer fora do pátio. Em Cristo, o véu foi rasgado em dois e hoje todos podemos entrar no santíssimo. Mesmo assim, ainda há quem permaneça do lado de fora, à distância de Deus, por falta de fé e dedicação.

6. O Óleo para as Lâmpadas (27.20,2 1)

Moisés recebe instruções relativas ao óleo para as lâmpadas que estavam no Lugar Santo. O azeite puro de oliveiras (20, óleo) era batido em vez de ser moído em moinho. O óleo mais puro, que dava melhor queima, era obtido por este método, usando azeitonas selecionadas pouco antes de amadurecer. Este procedimento exigia mais cuidados que o processo habitual; o óleo é amplamente considerado tipo do Espírito Santo. O óleo era para fazer arder as lâmpadas continuamente. Não significava dia e noite, visto que havia iluminação das lâmpadas acesas à tarde (30.8; 1 Sm 3.3). Este fogo tinha de estar aceso sempre pela noite inteira.

O versículo 21 toma por certo o sacerdócio da família de Arão e designa a seus integrantes a tarefa de cuidar do óleo das lâmpadas e das atividades que vão desde a tarde até pela manhã. A orientação fora do véu se refere ao Lugar Santo, à frente da cortina que fecha o Santo dos Santos. Porão em ordem quer dizer “farão”. Manter as lâmpadas acesas era serviço “a favor dos filhos de Israel” (ARA). Os ministros de Deus devem manter a luz de Deus brilhando constantemente.

Nos versículos 20 e 21, “A Luz Brilhante” é resultado de: 1) O trabalho do povo — a preparação, 20a; 2) O trabalho dos ministros — a perpetuação, 21; 3) O trabalho do Espírito Santo — a iluminação, 20b.

7. A Indumentária dos Sacerdotes (28.1-43; cf. 39.1-31)

a) Introdução (28.1-5). Deus escolheu Arão, o irmão de Moisés, e seus descendentes, para servir de sacerdotes. Até este momento, Moisés era o único mediador, mas foi a família de Arão, e não a de Moisés, que foi escolhida para administrar perante Deus a favor de Israel (1). As vestes destes sacerdotes eram especiais e consideradas santas (2). Típico da pureza interior do povo de Deus, os objetos externos eram separados para propósitos santos. Estas roupas também eram para glória e ornamento. Seria incompatível e desprovido de glória o sacerdote ministrar com roupas simples e sem brilho no Tabernáculo graciosamente colorido. Deus, o Autor de tudo que é bom e bonito, deseja que seu povo seja formoso e que haja beleza nos procedimentos de adoração.

Deus concedeu espírito de sabedoria (3) a homens sábios para capacitá-los a fazer estas vestes. Deus, que criou a beleza, dá ao homem a apreciação divina pela beleza e a aptidão divina para criá-

la. Certas produções que o mundo chama arte não passam de imoralidade, mas a verdadeira arte é de Deus.

No versículo 4, há uma lista dividida em grupos dos artigos para o sumo sacerdote, os quais são detalhados separadamente nos versículos seguintes. Os materiais eram os mesmos para as cortinas do Tabernáculo (5), exceto que havia ouro.

b) O éfode (28.6-14). Esta peça de roupa era um colete com a frente e as costas unidas por tiras em cima de cada ombro e por um cinto à cintura (68).22 Cinto de obra esmerada (8) é melhor "faixa habilmente tecida" (RSV). Era rico em cores (6). Nas tiras dos ombros havia incrustações de pedras sardônicas nas quais estavam gravadas os nomes dos filhos de Israel (9), seis tribos em cada pedra (10). Segundo as suas gerações diz respeito à ordem de nascimento. Logicamente alguns israelitas aprenderam a arte da lapidação quando eram escravos no Egito. Os nomes eram fixos nas pedras engastadas ao redor em ouro (11), ou seja, com engastes de filigranas de ouro.

Estes nomes eram levados aos ombros do sacerdote enquanto ele ministrava diante do SENHOR (12), símbolo da responsabilidade dos ministros em levar o povo a Deus. Os nomes ficavam perante Deus quando o sacerdote estava na presença santa. Esta era a garantia de que Deus cuida dos seus filhos e se lembra deles.

Pelo visto, os engastes de ouro (13) também eram fechos ou prendedores para as cadeiazinhas, ou correntes (ARA), de ouro puro (14) que as prendiam ao éfode. Talvez fossem usados para firmar o peitoral ao éfode (ver 2226).

c) O peitoral (28.15-30). O peitoral do juízo era firmado com segurança ao éfode e feito do mesmo material que este (15). Aqui, juízo significa "oráculo" ou "judicial"; era meio "pelo qual a vontade de Deus era buscada e normalmente encontrada" (VBB, nota de rodapé). Obra esmerada seria "trabalho de perito" (RSV). O material era dobrado para formar uma algibeira com cerca de um palmo (22 centímetros) quadrado (16). Havia nele quatro ordens ("fileiras", NVI; «carreiras", NTLH) de três pedras preciosas cada (17). Desconhecemos a verdadeira natureza das pedras, embora haja esforços para identificá-las.25 Os engastes (20) seriam as filigranas das pedras. Os nomes das doze tribos de Israel eram gravados nestas pedras (21). Em cima, o peitoral era preso às tiras dos ombros do éfode com as cadeiazinhas, ou correntes (ARA), de ouro puro unidas aos anéis de ouro (22-26; ver tb. 13,14). Na parte de baixo do

peitoral, havia dois outros anéis que eram fixados ao cinto do éfode (27) com um cordão de pano azul (28).

Assim, o sumo sacerdote levava os nomes dos filhos de Israel sobre os ombros, lugar de força, e sobre o coração (29), para com sabedoria e compaixão ser o mediador do povo perante Deus.26 O Urim e o Tumim (30) eram provavelmente pedras colocadas no peitoral que representavam juízo concernente à vontade de Deus. O sumo sacerdote era o juiz do povo e fazia suas resoluções servindo-se destas pedras.27 Simbolizavam poder e sabedoria na tomada de decisões.

No capítulo 28, vemos que “O Representante de Deus perante os Homens” é: 1) Intercessor pelo povo de Deus, 12; 2) Compassivo em prol do povo de Deus, 29; 3) Juiz sábio do povo de Deus, 30.

d) O manto do éfode (28.31-35). Esta roupa era tecida em uma peça única, sem emendas, com uma abertura para a cabeça (32). A palavra hebraica traduzida por colar de cota de malha é de significado incerto. Pelo visto, o conceito é de uma extremidade reforçada com bainha para evitar rasgos. O manto provavelmente não tinha mangas. Era de cor azul (31) e usado debaixo do éfode e do peitoral. O contraste entre o manto e o peitoral daria destaque a este. Ao longo da borda, ou barra (NTLH), desta peça de roupa que ia até os joelhos, havia alternadamente romãs feitas de material colorido e campainhas de ouro (33,34).

Há discordância sobre o significado das decorações na bainha do manto. As romãs simbolizam fertilidade ou possivelmente nutrição para a alma. As campainhas, ou sininhos (NTLH), tocam louvores a Deus e representam a alegria no serviço. O sonido dos sininhos era ouvido pelos israelitas no pátio, enquanto o sacerdote ministrava diante de Deus no santuário. Assim, os adoradores participavam com o sumo sacerdote na oração e louvor enquanto o ouviam, embora não pudessem ver. A ameaça para que não morra (35) foi feita para avisar o sacerdote a não deixar de fazer com que os sininhos continuassem emitindo sons para o povo ouvir.

Hoje, o ministério dos servos de Deus deve ser de modo que as pessoas participem na adoração a Ele e não sejam meras espectadoras. A adoração vira formalidade quando a congregação fica apenas observando.

e) O turbante e o camisão (28.36-39). O sumo sacerdote usava à cabeça uma mitra (37), artigo que melhor entendemos por turbante,

algo semelhante a uma coroa. Era feito de linho fino (39). Na frente do turbante havia uma lâmina de ouro puro (36), na qual estavam gravadas as palavras Santidade ao SENHOR. Quando o sumo sacerdote se colocava diante do povo, os primeiros objetos do traje sacerdotal que chamavam a atenção eram o peitoral enfeitado com jóias e trazendo os nomes de Israel e a placa de ouro em sua testa proclamando santidade a Deus.

Sempre devemos anunciar que o Deus de Israel é santo e justo. As religiões pagãs criavam deuses como os homens, profanos e impuros. Mas Deus se relevou a Israel como Ser absolutamente puro e santo. O propósito desta revelação não era deixar os israelitas continuamente envergonhados de si mesmos, mas inspirá-los a se tornar como Deus. “Para que sejais santos; porque eu sou santo” (Lv 11.45), era mandamento que o povo de Deus sempre tinha de obedecer. A falta de santidade em seu povo se destacava todas as vezes que viam esta placa de ouro.

O sacerdote entrava na presença de Deus levando a iniqüidade das coisas santas (38), quer dizer, fazendo expiação pela culpa criada pelo pecado do homem. Constatamos, então, ousadia diante do “trono de graça” neste ministério desenvolvido por um sacerdote pecador em prol de pessoas pecadoras quando se punha com confiança diante de um Deus santo esperando receber aceitação (Hb 4.16). Quando o sacerdote ficava diante do propiciatório fazendo expiação pelos integrantes do povo, ele e os integrantes do povo por meio dele recebiam o perdão de Deus; mas quando viam a santidade divina, eram “transformados de glória em glória, na mesma imagem, como pelo Espírito do Senhor” (2 Co 3.18).

E hipocrisia ministrarmos diante de Deus com os dizeres Santidade ao SENHOR estampados na testa, ao mesmo tempo em que abrigamos iniqüidade no coração. Proclamar a necessidade de pecaminosidade contínua por parte do adorador dedicado ao Santo degrada o poder de Deus em purificar. Com certeza, um Deus santo que deseja um povo santo pode “purificar para si” as pessoas a fim de serem como ele mesmo (Tt 2.14). O trabalho do ministro é levar o povo de Deus à “santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor” (Hb 12.14).

A roupa de baixo dos sacerdotes era uma túnica de linho fino (39), mais corretamente um camisão ou túnica e um cinto. O camisão tinha mangas e ia até aos tornozelos. Ficavam de fora as mangas e o pedaço do camisão que aparecia abaixo do manto. “Era preso ao corpo por uma faixa ou cinto ricamente colorido e bordado como as

tapeçarias decorativas do santuário.”32 Este cinto e a maior parte do camisão não ficava à mostra.

Mas mesmo assim, as roupas íntimas também tinham de ser perfeitas, já que Deus as vê, da mesma forma que os motivos do crente têm de ser puros, visto que Deus conhece até nossos pensamentos mais secretos.

f) As roupas para os filhos (28.40-43). O vestuário dos sacerdotes comuns era simples, comparado com as roupas do sumo sacerdote, mesmo que consideremos que o linho fino era um tecido suntuoso e altamente valorizado naqueles dias. Estes sacerdotes menos importantes usavam uma túnica (40), que era um casaco ou camisa presa na cintura com cinto ou faixa. As tiaras ou “gorros” (NVI) eram prováveis faixas de linho ou solidéus. Esta roupa, embora simples, era branca, símbolo da pureza dos santos. Quanto ao verbo santificarás (41), ver comentários em 13.2. A outra peça de roupa, calções de linho (42), era calças compridas ou ceroulas usadas pelos sacerdotes comuns e pelo sumo sacerdote.

O versículo 41 antecipa a investidura descrita no próximo capítulo (ver comentários em 39.7-9). Moisés tinha de mandar confeccionar as roupas e depois consagrar a família do irmão ao sacerdócio.

Os sacerdotes tinham de usar esta indumentária sempre que ministrassem no santuário. O termo santuário no versículo 43 também indica o pátio, onde estava o altar de bronze. Os sacerdotes eram considerados culpados se negligenciassem o traje adequado nas ministrações, estando sujeitos à pena de morte. Este estatuto era perpétuo.

8. A Consagração dos Sacerdotes (29.1-46)

Depois de descrever o traje sacerdotal, Deus disse a Moisés como ordenar os sacerdotes para os deveres santos. Estes sacerdotes tinham de oferecer sacrifícios pelos próprios pecados, ser vestidos com as roupas, ungidos com o óleo santo e comer das ofertas sacrificais.

a) Introdução (29.1-9). Em preparação à cerimônia de posse do sacerdócio, foram predispostos um novilho, e dois carneiros sem mácula (1), com pão asmo, bolos asmos e coscorões (ou filhós) asmos em um cesto (2,3). Asmos quer dizer “sem fermento” (NVI). Amassados com azeite, ou óleo, significa “misturados com óleo”, e untados com azeite tem o sentido de “aspergidos com óleo” (VBB). Estes itens deviam ser levados com Arão e seus filhos à porta da

tenda da congregação, ou seja, do Tabernáculo. Ali, os sacerdotes seriam lavados com água. Esta lavagem exterior é símbolo da limpeza interior e corresponde ao batismo nas águas. Os sacerdotes usavam a pia de cobre (30.17-2 1) para este propósito (cf. Diagrama B).

Nestes versículos, a investidura de Arão é descrita com muita brevidade (5,6). Em Levítico 8.7-9, há um relato mais completo onde o procedimento é desdobrado em nove atos. Moisés vestiu Arão com: 1) o camisão de linho, 2) o cinto debaixo, 3) o manto do éfode, 4) o éfode, 5) o cinto do éfode, 6) o peitoral, 7)0 Urim e Tumim, 8) o turbante e 9) a placa no turbante.

Aqui em Êxodo, a descrição do vestuário omite os passos dois e sete, a ordem cinco e seis está invertida e a placa de ouro no turbante é chamada coroa da santidade. Este nome indica o caráter da realeza do sumo sacerdote.

O azeite da função (7), descrito em 30.22-33, seria derramado na cabeça de Arão, ato simbólico do batismo com o Espírito Santo. Os filhos de Arão, em três ações, seriam vestidos com os camisões, cintos e gorros (8,9). Estes atos de investidura e unção empossavam estes homens e seus sucessores no ofício sacerdotal para o resto da vida em estatuto perpétuo. Só em Cristo háo cumprimento da eternidade deste ofício (Hb 5.6).

b) As ofertas (29.10-18). Os sacerdotes fariam primeiramente a oferta pelo pecado e o holocausto. Considerando que eram homens e pecadores, tinham de oferecer pelos próprios pecados e também pelos pecados cio povo (Hb 5.3). O novilho (10) seria morto depois de ser levado ao altar e de Arão e seus filhos terem posto as mãos sobre a cabeça do novilho. Este ato significa que os pecados destas pessoas foram postos no p animal. A morte imediata mostrava a pena do pecado, mas também indicava a expiação no sacrifício de Jesus na cruz. A ação de pôr o sangue do novilho (12) nas pontas do altar e em sua base enfatizava a necessidade de dar a vida pela salvação, Partes do corpo do animal, inclusive a gordura, eram queimadas sobre o altar e o restante era levado para fora do acampamento, a fim de ser queimado (13,14), tipificando Cristo que “padeceu fora da porta” (Hb 13.11,12). O redenho era o “lóbulo ou apêndice” do fígado. Nenhuma parte desta oferta era comida pelos sacerdotes, como geralmente não se comiam as ofertas pelo pecado (Lv 4.11,12; cf. Lv 10.17-20).

O holocausto (18) era um dos carneiros levado à cerimônia de consagração (1). Era morto de modo semelhante à oferta pelo pecado e o sangue era aspergido sobre o altar. O versículo 17 fica mais claro assim: “Corte o [carneiro] em pedaços, lave as vísceras e as pernas e coloque-as ao lado da cabeça e das outras partes” (NVI). O carneiro inteiro era queimado no altar como cheiro suave (18) para o SENHOR. No holocausto, a idéia intencional era de abnegação e não de expiação. Esta abnegação é agradável a Deus, visto que a oferta pelo pecado nunca era considerada de cheiro suave.33 Esta oferta representava a entrega das pessoas a Deus para servi-lo em espírito de adoração.

e) O sacrifício da posse (29.19-37). O segundo carneiro (19), chamado carneiro das consagrações (22), era morto da mesma maneira que os outros animais (19). Parte do sangue era colocada primeiramente na orelha direita, no dedo polegar da mão direita e no dedo polegar do pé direito de cada um dos sacerdotes (20). Em seguida, o restante do sangue era derramado sobre o altar. Desse sangue que estava ali, junto com óleo, era aspergido sobre .Arão, seus filhos e suas vestes (21).

O sangue na ponta da orelha direita dedicava a audição a Deus; no dedo polegar da mão direita, o sangue consagrava simbolicamente os serviços feitos pelas mãos; o sangue no dedo polegar do pé direito devotava a Deus o andar nesta vida. A mistura de sangue com óleo “simboliza a união íntima que existe entre a justificação e a santificação — o sangue expiatório e a graça santificadora do Espírito Santo”. A pessoa e as vestes dos sacerdotes eram santificadas (21), quer dizer, tornadas santas por serem dedicadas ao serviço santo.

Moisés poria nas mãos dos sacerdotes partes deste carneiro das consagrações, junto com porções do pão, bolos e coscorões que estavam na cesta (22,23; ver v. 2). Por um movimento horizontal em direção ao altar, os sacerdotes tinham de apresentá-los como oferta ritualmente movida, simbolizando entrega a Deus (24). Depois, Moisés queimava a porção de Deus no altar (25) por cheiro agradável ao Senhor. Retinha o peito do carneiro das consagrações para si (26), a parte que normalmente ia para o sacerdote que oficiava a oferta do peito do movimento.35

O peito e o ombro dos sacrifícios pacíficos — como pode ser chamado este tipo de oferta (28) — eram porções habituais para o

sacerdote (27). O peito era movido em movimento horizontal e o ombro era alçado (ou erguido) em movimento vertical em atos simbólicos de dá-los a Deus. Quanto à palavra santificarás, ver comentários em 13.2.

As vestes santas (29) do sumo sacerdote eram passadas para o filho na ocasião da consagração deste para a função sacerdotal (29). A cerimônia de posse do novo sacerdote durava sete dias (30).

Depois de uma digressão nos versículos 27 a 30 para descrever os aspectos permanentes deste ritual, o registro bíblico volta à consagração. Arão e seus filhos (32) tinham de cozinhar (31) e comer, junto com o conteúdo que restasse do cesto de pão (cf. 23), as porções de carne não queimadas no altar ou dadas a Moisés. Esta refeição sacrifical também ocorria no oferecimento dos sacrifícios pacíficos, quando os ofertantes comiam parte do sacrifício. Este comer os santificava e os consagrava, tipo do pão e carne de Cristo que dá vida e santidade ao crente. Neste caso em particular, somente os sacerdotes podiam comer e tudo que sobrasse do sacrifício até a manhã seguinte tinha de ser queimado (33,34). Este repasto sacrifical era marca de comunhão com Deus e dos sacerdotes entre si. Quanto ao termo santificá-los (33), ver comentários em 13.2.

O período da cerimônia de consagração durava sete dias (35), o número perfeito de Deus. Pelo visto, a oferta pelo pecado era repetida a cada dia (36). A mesma oferta que limpava e consagrava os sacerdotes também dedicava o altar. Este era ungido (Lv 8.11,15) e considerado santíssimo (37; cf. comentários em 13.2). Tudo que tocasse o altar tinha de ser santo ou o altar seria profanado.

d) Conclusão (29.38-46). Influenciado pela consagração dos sacerdotes, o escritor passa a mostrar os requisitos para os sacrifícios diários sobre o altar (38). A oferta diária era dois cordeiros novos, simbolizando entrega imediata a Deus, um pela manhã e o outro à noite (39). Com estes dois sacrifícios havia ofertas de carne e de libação com pão e vinho (40), em grande parte para a comodidade dos sacerdotes. A décima parte de um efa era cerca de três litros, e a quarta parte de um him era mais ou menos 5,7 litros. Tudo isso era um cheiro suave a Deus (41), agradável a Ele, em contraste com a idéia de que a maldade dos ímpios é uma fumaça em suas narinas.

Quando as pessoas fizessem suas ofertas a Deus, Ele as encontraria (42) enquanto falava com o sacerdote, o representante divino, O verdadeiro poder santificador é a glória de Deus (43), não os objetos

materiais que Ele santificou. A obediência de Israel a Deus nestas cerimônias era a garantia do poder santificador divino (cf. comentários em 13.2). Deus santificaria o Tabernáculo e o altar para uso especial, e a casa de Arão para sua obra peculiar (44). Por causa desta santificação, os israelitas seriam filhos de Deus e Deus habitaria entre eles (45). Assim, eles saberiam que eu sou o SENHOR, seu Deus (46).

Hoje, estas verdades são cumpridas de forma gloriosa nos crentes em Cristo! Primeiramente, levaram seus pecados ao pé da cruz e, pela fé, receberam o perdão de Deus. Em obediência humilde, oferecem sacrifícios diários de louvor e oração que são aceitáveis a Deus. Com a lei escrita no coração, recebem a santidade de Deus pela obediência à verdade que o Espírito mostra (1 Pe 1.22) e, por fim, o Espírito de Deus habita neles continuamente.

No capítulo 29, vemos "Os Privilégios do Crente": 1) A expiação em Cristo é vista na oferta pelo pecado, 10-14; 2) A entrega a Cristo é encontrada no holocausto, 15-18; 3) A consagração e santificação são reveladas no sacrificio da dedicação, 19-37; 4) A dedicação diária é observada nos sacrifícios ininterruptos, 38-42; 5) A plenitude do Espírito é prometida na habitação da deidade, 43-46.

9. Questões Relativas ao Santuário (30.1-38)

a) O altar de incenso (30.1-10). Não é fácil inferir a razão para que a análise dos assuntos tratados neste capítulo esteja neste ponto do relato mosaico. Ou Moisés descreve o que foi omitido nos capítulos anteriores ou Deus o dirigiu a colocar a matéria bíblica nesta ordem. Não há que duvidar que as instruções para o Tabernáculo estariam incompletas sem estas orientações.

O altar para queimar o incenso (1) tinha formato similar ao altar de bronze, exceto que era menor (ver Diagrama A). Media 45 centímetros quadrados por 90 centímetros de altura (2). A madeira de cetim (acácia) era revestida com puro ouro (3), e todas suas partes, inclusive a coroa de ouro, que provavelmente era uma beirada semelhante à da mesa da proposição, também eram revestidas de ouro. Seu transporte se dava como a outra mobília por meio de varais enfiados em argolas de ouro (4,5).

Este altar de ouro ficava diante do propiciatório, perto da arca, mas à frente do véu (6). Tinha necessariamente de estar no Lugar Santo, visto que o sumo sacerdote entrava no Lugar Santíssimo somente uma vez por ano e o incenso devia ser queimado diariamente (7). Sua

localização perto do Lugar Santíssimo é responsável por ter sido listado em Hebreus 9.4 como peça que ficava dentro do véu. Era neste altar que Deus se encontrava particularmente com a pessoa que, dia a dia, oferecia o incenso.

A queima do incenso, cuja composição é descrita nos versículos 34 a 38, ocorria pela manhã (7), quando as lâmpadas eram acesas, e novamente à tarde (8). A idéia de incenso contínuo diz respeito à sua permanência diária e não à manutenção de fogo dia e noite.38 O altar de ouro era para uso exclusivo da combustão do incenso apropriado (9); incenso estranho seria uma oferta diferente do tipo designado (ver 34-38). Este altar não devia ser usado para fazer holocaustos, ofertas (“de cereal”, N’VI) ou libações; estas oblações eram oferecidas somente no altar de bronze.

Contudo, uma vez no ano, no Dia da Expiação, o sumo sacerdote colocava sangue nas pontas do altar de ouro para fazer expiação pelo altar (10). Até o altar de incenso precisava de expiação por causa dos pecados deliberados ou erros inconscientes dos homens.

O significado espiritual deste altar não deixa dúvidas. O incenso representava as orações dos santos (Ap 8.3). A expiação no altar de bronze reconciliava os adoradores com Deus, ao passo que o incenso de cheiro suave completava o procedimento com comunhão. “Sob este aspecto, a oferta de incenso não era só uma espiritualização e transfiguração do holocausto, mas uma completude dessa oferta.” Para os cristãos, esta oferta de oração é ininterrupta no sentido de constante atitude de oração e também nos períodos habituais de meditação e intercessão.

b) O dinheiro de resgate (30.11-16). Com toda a probabilidade, Moisés estava pensando em fazer um censo cuidadoso dos israelitas. O primeiro número obtido foi, talvez, uma estimativa. Deus agora o instruiu a exigir de cada israelita o resgate da sua alma (12). A palavra resgate significa expiação e transmite a mesma idéia encontrada no versículo 15. Anteriormente (25.2), Deus disse a Moisés que pedisse a Israel ofertas voluntárias. Mas aqui temos um tipo de imposto. O não pagamento deste tributo significaria que poderia haver uma praga nos transgressores.

A quantia exigida de cada homem não era grande, a metade de um siclo (13). Não se tratava de imposto arrecadado segundo a capacidade de pagar, mas baseado na verdade da igualdade de todos os homens perante Deus.

Aos olhos de Deus, o pobre sesentiria igual ao rico; o rico não podia comprar o favor de Deus, visto que só tinha permissão de dar meio siclo (15). Este resgate devia ser pago somente pelos homens amadurecidos, de vinte anos para cima (14).

Por que é chamado dinheiro das expiações (16)? A oferta pelo pecado não fizera a devida expiação? Este pagamento era um reconhecimento da indignidade diante de Deus e da incapacidade de expiar os próprios pecados. Era uma declaração afirmativa de que só Deus pode pagar o preço da redenção; meio siclo era apenas um símbolo ou sinal da aceitação do concerto de Deus com Israel.

Este primeiro imposto era para ser dedicado ao serviço da tenda da congregação e foi usado para fazer as bases de prata para o Tabernáculo (38.25-28). Estas bases seriam lembrança constante da obrigação dos israelitas com Deus e da expiação que Deus lhes fizera. E possível que este imposto tenha se tornado obrigação anual (2 Cr 24.9). Provavelmente foi o imposto para o qual Pedro achou pagamento na boca do peixe (Mt 17.24-27).°

Os versículos 11 a 16 desenham “A Redenção do Homem”: 1) E exigida de todas as pessoas, 12-14; 2) E a mesma para cada pessoa, 15; 3) E lembrada continuamente, 16.

c) A pia de bronze (30.17-21). Colocada entre a tenda da congregação e o altar de bronze (ver Diagrama B), havia uma pia feita de cobre (18, bronze). Não são dadas especificações, embora suponhamos que tivesse a forma de vaso com pedestal e base, tudo de metal sólido. Servia para o acúmulo de água para a lavagem cerimonial (19,20). E possível que houvesse “torneiras e bicas”. Este lavatório era usado pelos sacerdotes para se lavarem antes de ministrarem no Tabernáculo ou no altar de bronze.

Água é meio de purificar a carne e tipo do Espírito Santo que limpa a alma. A pia era lembrança constante da santidade que Deus exigia dos israelitas e ressaltava que a limpeza está de mãos dadas com a piedade.

d) O óleo da santa unção (30.22-33). Deus mandou Moisés fazer um óleo especial de unção. Os ingredientes eram pura mirra, canela aromática, cálamo aromático, cássia e azeite de oliveiras (23,24). Os siclos (23) aqui se referem diretamente a peso e não a valor monetário como ocorre no versículo 15. As quatro especiarias (duas vezes mais de mirra e cássia que os outros dois ingredientes) seriam misturadas com um him de azeite de oliva (cerca de 6,6 litros). O

perfumista (25) era um farmacêutico ou boticário. Estes produtos aromáticos, por terem propriedades curativas e fragrância, tornavam a substância perfumada apropriadamente típica do Espírito Santo, que santifica e unge o povo de Deus.

Esta composição foi usada primeiramente para ungir a tenda da congregação (o Tabernáculo) e sua mobília (26-29). Estas peças sagradas ficariam santificadas (29), ou seja, seriam separadas para uso santo. Tendo sido santificada; a mobília do Tabernáculo só poderia ser tocada pelo que fosse santo (cf. comentários em 13.2).

Depois da consagração do Tabernáculo, Moisés ungiu os sacerdotes para a função especial que desempenhariam (30; cf. 29.21). Este ato os consagraria ao ofício sagrado, simbolizando a unção do Espírito Santo nos servos de Deus.

Moisés disse a Israel que este óleo tinha de ser permanente (31); nunca deveria ser usado na carne do homem (32), ou seja, para propósitos comuns; e sua fórmula nunca deveria ser copiada. Haveria uma maldição em quem fizesse um óleo santo como este, ou o aplicasse impropriamente (33).

O Espírito Santo é muito semelhante a esta combinação de substâncias odoríferas e óleo! Ele perfuma e cura a alma ungida; torna santo todos que o recebem; não pode ser falsificado e quem procura substituí-lo cai na condenação de Deus; não é dado ao mundo, mas a quem é redimido pelo sangue de Cristo; e sempre é o mesmo.

e) O incenso santo (30.34-38). O incenso que seria queimado no altar de incenso tinha um perfume especial. As especiarias usadas, quando corretamente misturadas, formariam um perfume (35) na forma de substância sólida; assim, as porções seriam quebradas para serem queimadas no altar. Um perfume segundo a arte do perfumista seria “um incenso misturado pelo perfumista” (RSV). O incenso era oferecido no altar onde Deus se encontrava com o sacerdote (36) e, por isso, tinha de ser considerado coisa santíssima. Não se deveria fazer cópia exata do incenso (37), porque era santo para o SENHOR. Todo aquele que reproduzisse a composição exclusiva seria extirpado de Israel (38).

O odor deste incenso ardente servia para lembrar os sacerdotes e o povo que eles tinham se dedicado a Deus e que Deus os aceitara.

“A Vida Entregue a Deus” é: 1) Formada conforme o desejo de Deus, 34,35; 2) Quebrada para ser queimada, 36a; 3) Santificada com a presença de Deus, 36b.

10, A Nomeação de Bezalel e Aoliabe (3 1.1-11)

Para fazer com precisão os muitos detalhes exigidos na construção do Tabernáculo e de todas as suas mobílias e acessórios, Moisés precisava de trabalhadores especializados. Deus não ia produzir este lugar de adoração mediante um ato milagroso do seu poder, mas por meio de homens capacitados para o trabalho; esta era tarefa que seus filhos podiam e deviam fazer. Deus não faz para suas criaturas o que elas podem fazer por si mesmas.

E apropriado reconhecer que Deus chama as pessoas de muitas maneiras. Já chamara por nome a Bezalel (2), como também Moisés fora chamado. Agora esta designação é revelada a Moisés, que mais tarde informaria Bezalel e Israel dessa escolha (35.30—36.3). Deus chamou Moisés diretamente, mas estes homens, até onde sabemos, foram chamados por Moisés sem receberem palavra direta de Deus. Embora Deus escolhesse por nome a Bezalel e Aoliabe (6), logicamente coube a Moisés nomear muitas outras pessoas para o trabalho. E inspirador ser chamado por nome direta ou indiretamente por Deus, mas também é importante ser nomeado por quem Deus autoriza a escolher obreiros.

O Espírito Santo de Deus seleciona e unge certas pessoas para o trabalho espiritual do seu Reino, como pregar ou ensinar. Deus também escolhe, capacita e dirige seus servos no empreendimento e feitura das coisas materiais. Bezalel e seu assistente, Aoliabe, foram chamados para dar beleza às formas materiais do Tabernáculo. Para esta tarefa, houve o enchimento do Espírito de Deus, de sabedoria, e de entendimento, e de ciência em todo artifício (3). Os homens aqui foram nomeados por Deus para fazer trabalhos artísticos com ouro, prata, cobre (bronze), madeira, pano e pedras (4,5). Eles seguiriam as instruções detalhadas dadas a Moisés (7-11), conforme tudo quee tenho mandado (11). Estes homens usariam sua perícia e orientariam os outros — todo aquele que é sábio de coração (6) — no desempenho desta parte da obra de Deus.

Sabedoria denota “alcance de mente e força de capacidade”; é o “poder de julgar” a melhor coisa a fazer. Entendimento é a capacidade de compreender as partes diferentes de um trabalho e

sua forma completa. Ciência indica o conhecimento de materiais pela prática e experiência.43 A habilidade de fazer coisas bonitas e úteis é um dom de Deus. Neste texto, estão em vista a capacitação natural que pode ser treinada e aperfeiçoada e o dom da graça recebido pelo Espírito Santo. Os dons do Espírito são em grande parte estas capacitações naturais dedicadas a Deus e inspiradas pelo Espírito. Estes dons são achados nas expressões vocais e no intelecto, mas também em trabalhos manuais e na percepção visual.

E verdade que as habilidades naturais dadas por Deus podem ser deturpadas. Muitos rejeitam as obras artísticas por causa da depravação comum neste tipo de habilidade. Contudo, em todas as habilidades, o talento verdadeiro e divino deve ser distinguido do talento falso e humanístico. Deus ama a beleza, e criou muitas coisas bonitas para o prazer dos homens; dotou suas criaturas com a faculdade de criar beleza, e vemos aqui o produto do trabalho manual de Deus.

Os cristãos não devem viver para este mundo no sentido de ficarem presos às coisas temporais, esquecendo-se das eternas. Nas expressões artísticas, seja na arquitetura, pintura, música ou mecânica, o reconhecimento do lado eterno obsta a secularização e, assim, valoriza o tempo e a eternidade.

O homem que trabalha em máquinas pode tornar-se escravo da máquina, mas esta condição é evitada se ele vir em seu trabalho a criação do Espírito de Deus pelas aptidões que possui. E possível que o homem moderno se destrua com seu gênio científico, porque, infelizmente, os controles dos produtos da ciência caem nas mãos de homens maus. Mas os cristãos devem se esforçar para usar as habilidades científicas para a glória de Deus.

E possível dedicar as habilidades pessoais a Deus para serem usadas diretamente na obra do Senhor, na melhoria da sociedade ou no ganho de meios para sustentar a causa de Cristo.

11. A Observância do Sábado (3 1.12-17)

Nesta passagem, há um retorno à importância de Israel cumprir todas as exigências relativas ao sábado santo. Não está muito claro por que o assunto é tratado novamente neste ponto do registro bíblico. Talvez, com as novas instruções sobre o Tabernáculo, houvesse o temor de Israel esquecer as declarações anteriores concernentes aos dias santos. Estes versículos apresentam dois aspectos novos pertinentes ao sábado.

Deus dissera a Moisés que o sábado era um sinal (17; cf. 13) entre mim e os filhos de Israel. O primeiro sinal dado a Israel foi a circuncisão; agora, Deus adiciona o sinal do sábado como marca distintiva do seu povo. Este sinal do sábado distinguia Israel das outras nações mais que a circuncisão, porque “nenhuma outra nação jamais o adotou. Persistiu nos tempos romanos a marca e insígnia do judeu”. Tornou-se um “vínculo sacramental” entre Israel e Deus. Nas vossas gerações (13; cf. 16) significa “por todos os séculos” (Moffatt; cf, NTLH).

Este texto declara que a contaminação do sábado seria punível com a morte (14,15). Pode parecer drástico para as pessoas dos dias de hoje, mas o concerto de Israel com Deus era exclusivo. O sábado fazia parte desse concerto e seu sinal. Todo aquele que quebrasse o sábado cometeria infração do mais sério caráter e, no que lhe dizia respeito, acabava completamente com o concerto entre Deus e Israel. A pessoa que assim anulasse o concerto seria extirpada do meio do seu povo (14), quer dizer, separada ou excomungada do meio dele. O indivíduo perderia o direito de viver como filho de Deus.

“Devemos destacar que esta observância externa, junto com outros sinais exteriores, como a circuncisão, as leis dietéticas, etc., são especificamente traduzidas para o Novo Testamento em evidências internas e espirituais do discipulado (cf. Rm 2.28,29; Gl 4.9,10; Cl 2.16,17.” A prática do sábado cristão, o domingo, é de natureza espiritual e é lei escrita no coração. Trata-se de um dia para descanso e recomposição de forças, como era o sábado para Israel (17).

12. As Tábuas do Testemunho (3 1.18)

Como conclusão à experiência vivida no monte durante os quarenta dias, Deus deu a Moisés duas tábuas do Testemunho, feitas de pedra e escritas pelo dedo de Deus. Estas foram as tábuas mencionadas quando Deus pediu que Moisés subisse ao monte (24.12); tinham de ser colocadas na arca (25.16); foram estas tábuas de pedra que Moisés quebrou cheio de raiva (32.19). Depois, Deus fez outras (34.4) e Moisés as colocou na arca (40.20). Estas são as tábuas que davam significação ao Tabernáculo.

Nestas tábuas, o Decálogo foi inscrito pelo dedo de Deus. Com esta expressão, não devemos entender “uma mão literal, mas um poder

divino invisível” (cf. Lc 11.20). Desconhecemos o método que Deus usou para produzir estas tábuas.

A QUEBRA E A RESTAURAÇÀO DO CONCERTO, 32.1—34.35

Os capítulos 32 a 34 registram a apostasia de Israel enquanto Moisés estava no monte; também narram o resultante castigo e a subseqüente restauração. O relato tem seqüência natural neste momento crítico do registro e só pode ser entendido neste contexto. Considerar este trecho inserção posterior cria mais problemas que resolve.

1. A Idolatria de Israel (32.1-6)

O povo ficou inquieto quando o líder visível permaneceu no monte durante os quarenta dias (1; cf. 24.18). A insatisfação a esse respeito levou os israelitas a se juntarem em grupo para fazer um pedido especial a Arão, em cujas mãos foram deixados. Levanta-te, disseram, faze-nos deuses que vão adiante de nós. A palavra deuses é normalmente traduzida por Deus. O pedido não significava necessariamente que estes indivíduos estivessem rejeitando Jeová; queriam uma forma visível entre eles que representasse Deus. Moisés, que fora como Deus para eles, desaparecera e a paciência para esperar a volta do líder acabara.

A reação de Arão ao pedido sugere esforço em evitar a calamidade. Ao pedir que arrancassem os pendentes de ouro (2) e lhos trouxesse, talvez Arão contasse com a recusa deles. Não é fácil mulheres e crianças abrirem mão de seus ornamentos, e essa resistência teria protelado o pedido que fizeram.

Se Arão esperava oposição ao pedido, logo ficou desapontado, porque todo o 3ovo arrancou os pendentes de ouro que estavam nas suas orelhas (3) e lhos deu. O coração carnal não mede sacrificios para satisfazer seus desejos pecaminosos.

Levando em conta que Arão começara concordando com este pedido perverso, não havia mais como parar. Tomou os presentes de ouro e formou um deus para o povo (4). Na situação em que poderia ter se mostrado líder capaz, Arão falhou miseravelmente.

A maioria das imagens antigas era feita de madeira e banhada a ouro.48 Este ídolo tinha forma de bezerro, ou touro de pouca idade, formato comum entre os egípcios, que representava fertilidade e força. Ou, como sugere Rawlinson, Arão retrocedeu aos “deuses [...] dalém do rio” (Js 24.14), encontrados na Babilônia, pensando que

esta seria representação mais segura do Deus de Israel.49 Quando o bezerro ficou pronto, as pessoas disseram: Estes são teus deuses, ó Israel, que te tiraram da terra do Egito (4). Como é fácil o coração carnal se afastar da verdadeira adoração de Deus!

Quando Arão notou a que ponto as pessoas estavam indo, parece que tentou controlá-las erigindo um altar diante da imagem e proclamando uma festa ao SENHOR (5). Talvez quisesse conservar alguma semelhança com a adoração de Deus mantendo o nome Yahweh no festival. Este ato lembra os esforços de conservar uma forma de piedade sem ter seu poder (2 Tm 3.5) e o sincretismo que há em grande parte do cristianismo nominal.

Qualquer que tenha sido a intenção de Arão, fracassou lamentavelmente em reter a adoração aceitável a Deus. O povo se entregou a um excesso emocional que o levou à idolatria e apostasia. Levantou-se de madrugada e assentou-se a comer e a beber; e depois a folgar (6). Embora comer e beber na adoração fizessem parte do plano de Deus, neste caso não havia adoração espiritual — somente a satisfação dos desejos pecaminosos da carne. “Deram rédeas às paixões no ‘folgar’, a subseqüente dança orgíaca que quase sempre acompanhava os ritos idólatras. Ver também o versículo 25 e 1 Coríntios 10.6,7.

Identificamos “Os Passos para a Apostasia” em: 1) A impaciência com a providência de Deus, la; 2) O desejo de sinais visíveis na adoração, lb-4; 3) A transigência com as verdadeiras formas de adoração, 5; 4) A entrega a paixões carnais, 6.

2. Moisés fica sabendo do Pecado de Israel (32.7-14)

a) A avaliação e ameaça de Deus (32.7-10). Moisés teria voltado ao acampamento totalmente desinformado da idolatria de Israel não tivesse Deus lhe falado. Foi ato de misericórdia revelar esta tragédia a Moisés antes de descer do monte. Deus também usou esta oportunidade para provar a fé e a coragem do seu servo.

Deus disse a Moisés: Vai, desce; porque o teu povo, que fizeste subir do Egito, pecou (7). Este linguajar dá a impressão que Deus renuncia a este povo e reputa Moisés líder e libertador dessa gente. O pecado sempre nos separa de Deus, embora o Senhor nunca esteja disposto a nos deixar de pronto. Na posição de Moisés, a atitude mais fácil a tomar era negar maiores responsabilidades por este povo, mas as experiências nos últimos meses fizeram algo neste homem.

Ele não era líder de Israel por escolha própria e muitas vezes se sentira impotente diante de seguidores rebeldes. Só por Deus ele chegara a este ponto, e o Deus que o levara até ali não ia falhar nesse momento crucial.

A avaliação que Deus fez desta multidão perversa é clara: O povo se corrompeu (7); depressa se desviou e colocou um bezerro no lugar de Deus (8); era obstinado (9; “de dura cerviz”, ARA); Ele estava muito irado com o povo (10). “De dura cerviz” (9, ARA) é expressão aplicada a cavalo ou boi rebelde que não se deixa ser controlado por rédeas. Israel se recusara a obedecer ao concerto que fizera com Deus.

Este provavelmente foi o maior teste que Moisés teve que suportar. Deixa-me, Deus disse, que eu os consuma; e eu farei de ti uma grande nação (10). Não há como negar que seria justo Deus tomar esta providência; é óbvio que Ele teria cumprido a ameaça se Moisés não tivesse intercedido. Deus conhecia seu servo, sabia que ele passaria no teste e que se tornaria mediador. Moisés viu a realidade da ira de Deus, rejeitou a oportunidade de glória egoísta e suplicou pelo povo e pela glória de Deus.

b) A oração prevalecente (32.11-14). Moisés respondeu às palavras de Deus insistindo que este era o povo que Deus tirara da terra do Egito (11). O servo do Senhor estava disposto a aceitar sua parcela pessoal na libertação do Egito, mas ele sabia que fora Deus quem realmente exercera grande força e mão forte. Destruir este povo agora desgraçaria Deus aos olhos dos egípcios (12), dando a entender que ele agira com má intenção. Toda a glória passada que fora obtida no conceito dos egípcios seria perdida, se Deus, num acesso de raiva, consumisse o povo.

Com coragem que só poderia vir de uma fé robusta, Moisés rogou: Torna-te da ira do teu furor e arrepende-te deste mal contra o teu povo. Pediu, também, que Deus se lembrasse das promessas feitas aos patriarcas, a quem, pelo seu nome, jurara dar a terra da promessa eternamente (13). Nesta defesa perante Deus, há três argumentos para o Senhor não exterminar o povo. Este procedimento: 1) Anularia as vitórias anteriores; 2) daria aos egípcios ocasião para se gloriarem; 3) quebraria a promessa feita a Abraão. Todos estes argumentos foram apelos fundamentados na glória de Deus — com certeza um verdadeiro exemplo de oração intercessora.

Deus se agradou da intercessão de Moisés; Ele pôs de lado a ameaça. O verbo arrependeu-se (14) é usado como expressão antropomorfa para descrever a mudança de ação de Deus em relação aos israelitas, visto que ocorreria uma mudança neles. O propósito eterno de Deus nunca muda, mas Ele se digna em trabalhar com os homens em suas maneiras inconstantes de ação, e este trabalho é descrito na linguagem dos procedimentos humanos. O arrependimento também transmite a idéia de dor no coração de Deus no caso da destruição do seu povo.

Quando ira santa se manifesta junto com amor santo, a combinação da ira com o sofrimento do amor ocasiona a oferta de misericórdia. Este seria o tipo de arrependimento segundo Deus especialmente revelado na expiação em Cristo. Esta mesma qualidade pode ser sentida por pais cristãos quando descobrem o amor dolorido vencendo a raiva e mostrando misericórdia a um filho que se rebela contra eles e comete pecado voluntarioso.

Os versículos 7 a 14 pincelam um retrato de “O Verdadeiro Intercessor”. 1) Reconhece a ameaça da ira de Deus, 7-lia; 2) Roga pela glória de Deus, 11b-13; 3) Recebe resposta do coração de Deus, 14.

3. Moisés Confronta os Israelitas Pecadores (32.15-24)

a) As tábuas do testemunho são quebradas (32.15-19). Neste momento, há um foco nas tábuas (15) de pedra que dá significação ao ato de Moisés quebrá-las. Por conterem os Dez Mandamentos, as tábuas representavam o cerne da lei; por haverem sido escritas na pedra, de ambas as bandas, retratam a permanência e completude; por serem obra de Deus e a escritura ser a mesma escritura de Deus (16), emprestavam-lhes autoridade e perfeição. As tábuas eram a essência do concerto entre Israel e Deus e seriam colocadas no santuário mais sagrado. Foram lavradas de modo sobrenatural e dadas a Moisés para apresentá-las a Israel.

Josué (17) deve ter ficado em um lugar no monte onde esperava o retorno de Moisés. Nada sabia sobre o pecado de Israel, mas ouvira o barulho do acampamento e pensara se tratar de alarido de guerra. Moisés respondeu que não era alarido dos vitoriosos (vitória) ou alarido dos vencidos (derrota). Era alarido dos que cantam (18), talvez um clamor de vozes ou gritaria que a essa distância era ambíguo. Neste momento, Moisés não disse a Josué que sabia o que se passava no acampamento.

Quando Moisés chegou ao arraial e viu pessoalmente o pecado do povo — o bezerro e as danças — sua raiva acendeu-se (19) e ele quebrou as tábuas ao pé do monte. Quando o relato deste mal foi indireto, Moisés teve compaixão e suplicou pela moderação da ira de Deus (11). Quando viu pessoalmente o mal do povo, sentiu a mesma ira que Deus expressara (10). Não devemos supor que a raiva de Moisés era paixão desenfreada. Para aquele cujo coração é puro, sempre há a consciência da infâmia terrível que o pecado ocasiona em Deus. Os santos têm emoções profundas da ira santa contra a perversidade.

Mas a ira santa tem de ser abrandada com compaixão amorosa. Moisés tinha em mãos a própria lei que condenava à morte este povo rebelde. Se a punição da lei fosse implementada imediatamente, Israel teria de morrer. O povo quebrara a lei. Enquanto estava diante dos israelitas e observava a lascívia que faziam, Moisés ergueu a lei acima da cabeça e, provavelmente à vista de todos, lançou as tábuas ao chão com força e ímpeto.

Ele lhes trouxera algo de que eram indignos. Estavam totalmente desqualificados para receber este dom de Deus. Ou as tábuas tinham de ser quebradas ou o povo tinha de ser destruído. Moisés quebrou as tábuas.

Não há indicação neste trecho ou em outro lugar da Bíblia que Moisés tenha sido censurado por praticar este ato. O que ele fez aqui em um momento deve ter deixado impressão duradoura. Sua ação declarava a ira e a misericórdia de Deus. O concerto de Israel fora quebrado; a prova jazia aos pés de Moisés, como também estava no procedimento das pessoas. Se Deus fosse continuar presente com Israel, tinha de ser por misericórdia e pela renovação do concerto.

b) A imagem e Arão (32.20-24). Moisés deu cabo do ídolo rapidamente; queimou-o no fogo, moendo-o até que se tornou em pó, depois espalhou as cinzas e o pó sobre a água potável, e forçou o povo a beber (20). O interior do ídolo era de madeira que queimou e a placa de ouro foi reduzida a pó. Assim o povo teve de sofrer pelo pecado cometido.

Em seguida, Moisés pediu explicações a Arão (21). Este colocou a culpa no povo, dizendo: Este povo é inclinado ao mal (22, “maldade, ruindade”). Os israelitas estavam determinados a fazer as coisas a seu modo e Arão concordou com eles. Falou que pegou o ouro que recebeu deles, colocou-o no fogo e saiu este bezerro (24). Dá a

impressão de que Arão estava querendo dizer que houvera um milagre.

Como é fácil os líderes religiosos procederem como Arão! Antes de agirem, sondam meticulosamente a opinião pública. Pensam que é imprudente ser muito rígidos. Julgam necessário tolerar as fraquezas carnais e concordar com as tendências atuais. Acreditam que não se pode ter sucesso, a menos que se acompanhe a multidão; para eles, é melhor abrir mão da verdade exarada na Bíblia do que perder a influência sobre as pessoas. Assim, consentem tacitamente com a introdução lenta do mundanismo na esperança de que permaneça alguma semelhança com os princípios cristãos. O que dirão no dia do acerto de contas?

4. O Castigo dos Idólatras (32.25-29)

Embora Deus tivesse misericórdia do povo por causa da intercessão de Moisés (14), esta graça só seria concedida a quem se arrependesse. Alguns ainda permaneciam rebeldes. Despido (25) é mais bem traduzido por “desenfreado” (ARA) ou “completamente sem controle” (NTLH). Eles estavam desonrando Deus aos olhos dos inimigos de Israel — provavelmente ainda havia amalequitas pelas redondezas. Assim, Moisés fez a proclamação: Quem é do SENHOR, venha a mim (26). Em resposta, muitos dos filhos de Levi (a palavra hb. traduzida por todos não significa necessariamente todos os levitas sem exceção) se reuniram em volta de Moisés. Mais tarde, esta tribo foi separada como família sacerdotal; sua devoção a Deus se evidenciou publicamente neste ato.

Moisés ordenou que estes levitas empunhassem as espadas, passassem pelo arraial de porta em porta e matassem, se necessário, irmãos, amigos e vizinhos (27). Pelo visto, alguns levitas também tiveram de ser mortos. Entendemos que estas investidas se abateram sobre os rebeldes que se recusaram a se submeter a Moisés e ao Senhor.56 Três mil homens (28) morreram até que a ordem foi restaurada.

Este ato de obediência por parte dos levitas os consagrou a Deus. “Hoje vocês se consagraram ao [serviço do] SENHOR” (29, NVI). A bênção que receberam foi o fato de terem sido escolhidos como a tribo dedicada ao serviço de Deus (Nm 3.6-13). Nesta ocasião, Deus usou esses escolhidos para cumprir a tarefa sacerdotal de executar os julgamentos divinos. Seus ministros devem ser resolutos na justiça bem como abastados na misericórdia. Arão fracassara neste ponto.

5. A Intercessão de Moisés pelo Israel Pecador (32.30-35)

A primeira intercessão de Moisés por Israel (11-14) foi uma súplica a Deus para poupar os israelitas da destruição imediata, por causa da ardente ira divina contra eles. Ele fora bem-sucedido no intento; Israel como nação fora poupado, e a idolatria, destruída. Os rebeldes foram mortos ou vencidos, mas as tábuas contendo a lei foram quebradas; o concerto já não existia. Moisés tinha de achar um meio de voltar a uma relação de concerto com Deus.

Com um Israel penitente esperando o veredicto de Deus, Moisés lembrou o povo do grande pecado cometido (30). Depois, prometeu subir ao SENHOR para ver se haveria um meio de fazer propiciação pelo pecado. Moisés, na presença de Deus, confessou o pecado de Israel fazer deuses de ouro (31). Seu desejo era que o povo fosse restaurado ao favor de Deus pelo perdão divino: Agora, pois, perdoa o seu pecado (32). Se Deus não perdoasse o seu povo, Moisés pediu que ele fosse riscado do teu livro, que tens escrito. Neste versículo, riscar significa “cortar da comunhão com o Deus vir, ou do reino daqueles que vivem na presença de Deus e entregar para a morte”. O amor de Moisés pelos israelitas era tão grande que ele não se importava em viver, a menos que Deus os perdoasse. A expiação pelo pecado era o processo mais precioso que Moisés conhecia. Só Deus poderia realizar esse evento, e a base para o perdão universal estaria somente no dom de Deus manifestado em seu Filho Jesus. Mas no coração de Moisés havia o amor que promove tal expiação, como também havia em Paulo (Rm 9.2,3).

A resposta de Deus a Moisés foi que o indivíduo que pecar terá o nome riscado do livro (33). Moisés não poderia fazer expiação por Israel, mas o perdão está implícito no fato de Deus aprovar a permanência de Moisés na liderança do povo rumo à Terra Prometida (34). Deus fez a Moisés a mesma promessa de que o Anjo do Senhor iria diante do povo (23.20,23), com a diferença revelada em 33.2,3 de que o próprio Deus não os acompanharia. A pena pela quebra da lei não foi totalmente indultada, embora tenha sido modificada para Israel continuar existindo.

Identificamos nos versículos 31 a 34 “O Verdadeiro Intercessor”. 1) Confessa os pecados do povo, 31; 2) Busca perdão para o povo, 31a; 3) Oferece-se a favor do povo, 32b, 4) Recebe a resposta de Deus em prol do povo (33,34).

Embora Israel fosse perdoado e tivesse a permissão de permanecer como povo de Deus, certas penas permaneceram. A presença de

Deus com eles seria mediada pelo Anjo, mesmo que houvesse um dia final de ajuste de contas. Quando feriu o SENHOR o povo (35), alguns sofreram imediatamente pelos pecados cometidos, talvez com calamidades entre eles. Quando pecamos, Deus nos perdoa por Cristo e nos restaura ao seu favor, mas certas conseqüências advêm como lembranças da lei quebrada. Devemos observar também que corações impenitentes não podem ser perdoados. Ainda que o castigo não venha de imediato, o dia do ajuste de contas virá.

“Intercessão” é o tema dos versículos 30 a 34. 1) A necessidade de intercessão, 30; 2) O exemplo de intercessão, 31-33; 3) A recompensa da intercessão, 34 (G. B. Williamson).

6. O Arrependimento e a Reconciliação de Israel (33.1-23)

a) A oferta de justiça moderada (33.1-3). Deus disse a Moisés que levasse o povo à terra prometida a Abraão, a Isaque e a Jacó (1). Achou-se um meio pelo qual a promessa de Deus seria cumprida. O anjo (2) de Deus expulsaria os inimigos, e a terra seria fecunda em leite e mel (3). O Senhor assegurou bênçãos materiais ao povo.

Entretanto, um importante aspecto da promessa anterior foi omitido. Embora prometesse enviar um anjo, Deus em pessoa não iria com o povo. Os israelitas eram obstinados e, se Deus os conduzisse, correriam o risco de ser fulminados pela ira divina. O Anjo mencionado em 23.20,23 tem de ser o Filho de Deus, pois era o próprio Deus que conduzia o povo sem intermediários. Aqui, o anjo era um ser que representaria Deus apropriadamente, mas Deus em sua presença pessoal mais imediata estaria ausente.6° Contudo, é possível que a última parte do versículo 3 fosse um aviso. A presença de arrependimento ocasionaria, mais tarde, a renovação da promessa da presença de Deus (14-17).

b) O lamento de Israel (33.4-6). Para os israelitas, esta era má notícia (4). Esta ameaça despertou neles a conscientização do que perderam. Eles se lembravam da coluna de nuvem (13.21), da deliberação de Deus quando necessária (15.25), da ajuda na batalha (17.8-13) e da presença próxima (13.22). As pessoas do mundo passam muito bem sem Deus, mas quem experimenta a presença divina sabe que não há como se dar bem sem Ele. Esta realidade trouxe a Deus muitos que tinham se afastado.

Quando nos damos conta do pecado e do vazio que ele traz, ficamos propensos a nos arrepender em pano de saco e cinzas. Deus ordenou

que Israel tirasse os atavios (5; “jóias”, NTLH; “enfeites”, NVI) como sinal de arrependimento, mas a prontidão em obedecer se deu com a tristeza segundo Deus antes mesmo da ordem (4). Estes atavios “eram braceletes, pulseiras e, talvez, presilhas ou argolas usadas no tornozelo, as quais eram usadas pelos homens no Egito deste período”. Foram tirados como prova de obediência “desde o monte Horebe em diante” (6, ARA) e, mais tarde, empregados na construção do Tabernáculo (35.22).

c) O encontro de Deus com Moisés (33.7-11). E tomou Moisés a tenda, e a estendeu para si fora do arraial, desviada longe do arraial, e chamou-lhe a tenda da congregação (7). Esta tenda era a tenda do próprio Moisés (ATA), onde ele se encontrava com Deus e aconselhava o povo. Depois do pecado da idolatria, Moisés colocou sua tenda fora do acampamento, porque Deus já não podia habitar entre o povo (3). A presença da tenda fora do acampamento lembrava Israel do pecado cometido. O povo tinha de sair do acampamento para consultar o Senhor.

Saindo Moisés à tenda (8) da congregação, todo o povo se colocava cada um à frente da porta de sua tenda e ficava olhando até Moisés entrar na tenda. Quando entrava, descia a coluna de nuvem, e punha-se à porta da tenda, enquanto o SENHOR falava com ele (9). Visto que estavam arrependidos, os israelitas se levantaram e adoraram (10), enquanto Deus falava face a face com Moisés, como alguém que fala com o seu amigo (11). Quando Moisés retornava ao arraial, Josué permanecia nesta tenda, possível indicação prévia do favor a ser mostrado a Josué como sucessor de Moisés.

Aprendemos três grandes lições neste relato. 1) Deus sofre com o pecado dos seus filhos e, por causa disso, a presença divina se retira deles. O crente sente um vazio sempre que desobedece a Deus, entristecendo o Espírito Santo. Esta narrativa ou o teor do Novo Testamento não ensina uma restauração fácil e pronta ao favor de Deus (cf. 1 Co 5.1-5; 2 Co 7.6-13). 2). Mas os que se arrependem ainda podem, se desejarem, aproximar- se de Deus (Hb 13.13). Ali, podem ver a Presença divina e ouvir sua palavra. 3) Para aquele cujo coração é puro há comunhão face a face com Deus. O encontro de Moisés com Deus garante que todo o crente tem alegria jubilosa quando não há nada entre a alma e o Salvador.

Hoje, a igreja precisa recuperar este senso de temor e respeito pela presença santa de Deus. Não é raro as pessoas verem Deus como alguém que tolera o pecado, deixa passar as faltas e facilita o caminho de volta ao favor divino. Consideram o arrependimento um

simples pedido de desculpas. Mas Deus sofre profundamente com o pecado; o Calvário é prova disso. O pecado livre hoje com a esperança de perdão fácil amanhã desconsidera a natureza santa de Deus e toma por certo a misericórdia barata.

O verdadeiro arrependimento é caro, mas é o único meio de chegar à fé e à presença redentora de Deus. O povo de Israel viu que estava custando muito a ele e a Deus para que a restauração fosse plena.

d) A promessa da presença de Deus (33.12-17). Estes versículos pintam a terceira vez que Moisés intercedeu pelo povo. Na primeira vez (32.11-14), ele obteve a moderação da ira de Deus sobre o povo. Na segunda vez (32.30-35), obteve o perdão para os israelitas e uma promessa modificada de levá-los a Canaã. Desta vez, Moisés recebeu a garantia da plena restauração dos filhos de Israel ao favor de Deus e do restabelecimento total da presença de Deus com eles.

Moisés sabia que Deus renovara a ordem para ele fazer subir a este povo (12) a Canaã; também sabia que Deus o favorecera com graça pessoal. Todavia, estava confuso quanto ao modo ou com quem seria feita a viagem. Rogou uma revelação do teu caminho (13), de forma que conhecesse Deus ainda com mais clareza e nitidez e encontrasse graça aos olhos divinos. Moisés não era espiritualmente egoísta; não estava pedindo a bênção de Deus somente por prazer pessoal. Assim, acrescentou: Atenta que esta nação é o teu povo; sentia-se inadequado para conduzir o povo sem a garantia de que Deus iria com ele.

Na verdade, Moisés não queria conduzir o povo a menos que Deus estivesse com eles: Se a tua presença não for conosco, não nos faças subir daqui (15). Esta presença de Deus em sua plenitude demonstraria que Moisés e o povo foram totalmente restaurados à graça (16), e seria a verdadeira marca de supremacia entre as nações. A única justificativa para a existência de Israel como nação era ser inteiramente do Senhor. Quando a igreja perde a plenitude do Espírito de Deus, ela deixa de ser diferente como instrumento de Deus.

As súplicas de Moisés prevaleceram. Deus afirmou: Irá a minha presença contigo para te fazer descansar (14). Que garantia esplendorosa! O espírito intranqüilo de Moisés suplicara que Deus poupasse o povo. Ele quebrara as tábuas de pedra, destruíra o ídolo e dirigira a execução dos transgressores; contudo, não descansou até que lhe fosse garantido que a graça de Deus seria completamente restabelecida ao povo. Os servos de Deus não conseguem ter paz até

que saibam que Ele respondeu as orações. Quando responde e a presença divina é certeza, há grande tranqüilidade.

Deus condescende em responder o clamor do homem. Declarou a Moisés: Farei também isto, que tens dito (17). Há coisas que Deus faz porque os crentes oram, caso contrário, ele não faria. A integridade pessoal do intercessor é vital; Deus acrescentou:

Porquanto achaste graça aos meus olhos; e te conheço por nome. Quem suplica a Deus deve ser o primeiro a se certificar se tem uma relação certa com Deus. “A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos” (Tg 5.16).

Identificamos “A Presença Divina” nos versículos 1 a 17. 1) E sujeita à provocação, 1-6; 2) Honra a separação, 7-11; 3) Responde a intercessão, 12,13,15,16; 4) Concede a restauração, 14,17.

e) O pedido de Moisés para ver a glória de Deus (33.18-23). A maioria dos crentes se satisfaz com a experiência da presença de Deus com muito menos que Moisés. Eis um homem a quem Deus dera mais que a qualquer outro, e ainda queria mais. Quanto mais perto nos aproximamos do céu, mais do céu queremos; quanto mais experimentamos de Deus, mais de Deus queremos. Moisés implorou: Rogo-te que me mostres a tua glória (18). “A glória de Deus se manifesta na mente mortal pelas evidências de sua bondade. Contudo, esta revelação a Moisés foi — de certo modo incompreensível por nós que não a vimos —uma visão direta da bondade divina não turbada pelas limitações de suas manifestações habituais através das formas terrenas. “O que Moisés desejava era uma visão da glória ou do ser essencial de Deus, sem qualquer figura e sem véu.” Tratava-se de pedido ousado.

Deus prometeu a Moisés concessão parcial da petição. Toda a sua bondade (19) passaria por diante de Moisés. A ira de Deus arrefecera e suas ameaças foram postas de lado. Ele estava pronto para revelar sua grande misericórdia e compaixão àqueles que, embora indignos, experimentariam sua graça. A proclamação do nome do SENHOR era anúncio de compaixão, demência, longanimidade, misericórdia e fidelidade (cf. 34.6, ARA).

O Senhor disse a Moisés que ele não podia ver a face de Deus e viver (20). Só no mundo vindouro poderemos ter totalmente a visão beatífica. Moisés tinha de se satisfazer, enquanto fosse mortal, com algo menos que desejava. Por ora, não nos é permitido alcançar e

possuir tudo que nos espera no futuro. Mas naquele dia “veremos face a face” (1 Co 13.12).

Deus prenunciou a teofania (a manifestação visível de si mesmo) a Moisés, que mais tarde a veria (cf. 34.5-7). Deus prometeu colocá-lo sobre a penha (21) e sua glória passaria. Quando acontecesse isso, Deus cobriria Moisés com a mão (22) enquanto Ele passasse, mas retiraria a mão para que Moisés o visse pelas costas (23). Desta forma, Moisés veria “o reflexo do resplendor que Ele deixaria atrás de si, mas que, ao mesmo tempo, indicaria palidamente o que seria a plena magnificência da sua presença”. Para esta experiência, a linguagem humana seria inadequada, como se deu com Paulo quando foi levado ao “terceiro céu” (2 Co 12.2). Os filhos de Deus que têm coração puro recebem visões de Deus que são enigmas para a mente mundana e incompreensíveis para o coração carnal. Mas para os santos em Cristo estas visões trazem o céu à terra, ao mesmo tempo que ainda arde neles o desejo de ver as glórias do céu.

7. A Volta para o Monte (34.1-9)

a) As segundas tábuas de pedra (34.1-4). Com a restauração dos filhos de Israel ao favor divino, Deus os aceitou como tendo renovado a parte que lhes cabia no concerto.66 Ainda restava Deus renovar sua parte escrevendo novamente a lei em outras tábuas de pedra. A lei quebrada tinha de ser restaurada. Moisés precisava subir outra vez o monte, receber a lei e voltar ao povo. Quando pecamos contra Deus, é necessário que as primeiras obras sejam feitas de novo (Ap 2.5). Temos de dedicar tempo para restabelecer os que se desviaram. E desastroso que ocorram transgressões na igreja que perturbam a paz e o testemunho. Mas quando ocorrem, faz-se necessária a restauração antes que se dêem outras melhorias.

Deus mandou que Moisés talhasse duas tábuas de pedra, nas quais Deus anunciou que escreveria as mesmas palavras que estavam nas primeiras tábuas (1).

Moisés tinha de fazer as pedras, mas Deus faria a escritura. Na primeira ocasião, Deus fizera as pedras e a escritura (32.16), mas agora Ele exigiu que Moisés fizesse uma parte. Não se tratava de castigo por Moisés ter quebrado as pedras; mas indica que o caminho de volta a Deus, depois da transgressão, requer mais para o crente que peca do que para o pecador inconverso.

Desta vez, Moisés tinha de subir o monte sozinho (3); todos os outros deviam permanecer no acampamento. Embora breves, as instruções para Israel foram as mesmas que as anteriores (19.12,13). Moisés foi cuidadoso em seguir as instruções explícitas de Deus. Fez as tábuas de pedra (4) e, pela manhã de madrugada, subiu ao monte como Deus lhe ordenara.

b) A visão de Deus (34.5-9). Deus cumpre sua promessa de se revelar: O SENHOR desceu numa nuvem (5). Os homens dos dias de hoje depreciam a linguagem bíblica de um Deus que "sobe", "desce" ou "sobe numa nuvem"; mas estas frases antropomorfas retêm um conceito de Deus que é mais seguro e mais significativo que reduzi-lo a uma abstração como o "ground of being" (o "fundamento do ser") ou a "inferência inevitável". Embora esteja óbvio nesta aparição a Moisés que a realidade de Deus foi um tanto quanto evasiva, contudo a experiência foi dramática e real. O nome do SENHOR foi proclamado de maneira inédita (5); este nome era Yahweh, Yahweh Elohim (JEOVA, o SENHOR, Deus). O nome do SENHOR era indicação de sua natureza. Ele se revelou como misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade (6). Deus acabara de mostrar que guarda a beneficência (misericórdia, ARA) em milhares de Israel, que perdoa a iniqüidade, e a transgressão, e o pecado (7).

Iniqüidade transmite a idéia de "pecados cometidos por disposição perversa"; transgressão é "rebelião contra Deus". A palavra original para aludir a pecado significa "errar o alvo"; e "no Antigo Testamento, [é] a palavra mais geral para se referir a pecado".

A beneficência (7; "misericórdia", ARA) de Deus é vasta, abrangendo todo o mal da raça humana. E interessante assinalar que aqui a misericórdia é proclamada em primeiro lugar e, em seguida, ocorre um aviso para ninguém presumir que Deus tolera a iniqüidade (cf. 20.5,6). Deus não pode e não perdoará os impenitentes que persistem no pecado. Embora o Senhor seja grande em misericórdia, os ímpios serão destruídos, mesmo que tenham experimentado uma vez a graça de Deus (cf. Hb 6.4-6).

Para quem pediu uma visão direta de Deus, esta experiência de ver somente as costas de Deus (33.23) trouxe humildade: Moisés apressou-se, e inclinou a cabeça à terra, e encurvou-se (8). Não em vã repetição, mas com desejo forte e urgente, Moisés orou: Senhor... vá agora... no meio de nós... perdoa a nossa iniqüidade e... toma- nos pela tua herança (9).

O tema dos versículos 1 a 8 é “As Tábuas de Pedra”. 1) Os mandamentos são permanentes, 1; 2) Os mandamentos são benevolentes, 5-7; 3) Os mandamentos são transcendentes, 8 (G. B. Williamson).

8. A Renovação do Concerto (34.10-28)

a) A promessa de Deus (34.10,11). Deus renova com Moisés formalmente o concerto quebrado. Prometeu conduzir Israel fazendo maravilhas (10), que seriam maiores aos olhos do povo que qualquer coisa jamais feita. Ele as chamou coisa terrível é o que faço contigo. “O que estou a ponto de fazer com vocês inspira terror” (\TBB). O Senhor expulsaria os inimigos da terra da promessa (11). As maravilhas se cumpriram mais tarde em ocorrências como a queda dos muros de Jericó (Js 6.20) e a matança dos inimigos com chuva de pedra (Js 10.11). Ainda que Moisés não tenha vivido para ver estas vitórias, a promessa de Deus cumpriu-se para seu povo.

b) O aviso contra a idolatria (34.12-16). O mal de formar alianças com os povos da Terra Prometida era uma possibilidade real. Os israelitas tinham de se guardar (12) e não fazer concerto com os moradores, porque este procedimento seria um laço para eles. Para se proteger, Israel tinha de derrubar os altares, quebrar as estátuas e cortar os bosques (13). Não deviam permitir que continuassem existindo. As estátuas (“colunas”, ARA) e os bosques (“postes-ídolos”, ARA) eram objetos de culto erigidos para a adoração de deuses e deusas da mitologia cananéia. Estavam ligados com o culto a Baal, e foram “introduzidos em Israel pela fenícia Jezabel (1 Rs 18. 19).68 “Ritos grotescamente imorais eram praticados com relação às colunas e bosques, e estas foram fonte contínua de tentação para os israelitas até o exílio.

Acerca da declaração de que Deus é zeloso (14), ver nota em 20.5. Todo concerto com os moradores da terra (15) levaria Israel a se unir com eles em festas a ídolos e casamentos entre si, resultando em apostasia e idolatria (16).

Casar-se com alguém ligado a uma falsa religião é o caminho mais rápido para a desobediência. Os filhos se prostituem segundo os deuses das esposas. A idolatria, quer pagã ou da atualidade, é forma de adultério espiritual. A pessoa é infiel ao compromisso com Deus, quando o coração busca seguir os deuses deste mundo.

Em nossa sociedade, é quase impossível salvar nossos filhos da exposição a essas tentações. Colocadas juntas em escolas públicas e

atividades comunitárias, as crianças cristãs são sujeitas diariamente a estas seduções. Nossa única esperança é a instilação de coragem e fé que resistirão ao engodo de “ídolos” mundanos e casamentos com não-crentes. Quando ocorrem alianças erradas e outros erros em nossa família, há o recurso à graça redentora de Deus e ao poder da oração intercessora pelo Espírito Santo.

c) Várias proibições (34.17-26). Muitas destas proibições são repetições de ordens anteriores. O recente pecado de Israel tornou imperativa a repetição do mandamento de não fazer deuses de fundição (17). As instruções encontradas nos versículos 18 a 20 são analisadas em 12.14-20; 13.3-13; e 23.15. O mandamento sobre o sábado (21; ver comentários em 23.12) acrescenta a necessidade de observar o dia santo na aradura e na sega. Os israelitas deviam resistir à tentação de, no dia de Deus, arar quando ameaçava chover ou de colher quando a colheita estava madura. Era fácil então, como é hoje, justificar o trabalho quando havia obrigações a cumprir.

Para verificar a análise dos dizeres dos versículos 22 e 23, ver comentários em 23.16,17. No versículo 24, os filhos de Israel recebem a promessa de amplificação de fronteiras (termo; “território”, ARA) pela obediência e, quando comparecessem às festas anuais, livramento de ataques estrangeiros à terra. Comentários sobre as instruções dadas nos versículos 25 e 26 são achados em 23.18, 19.

d) A finalização do concerto (34.27,28). Deus disse a Moisés: Escreve estas palavras (27) — as palavras que Deus acabara de lhe dizer (10-26). Conforme o teor destas palavras significa “com base nestas palavras” (Smith-Goodspeed; cf. NTLH). Estes acordos renovaram o concerto do Senhor com o povo. Clarke supunha que o procedimento incluía uma cópia das tábuas de pedra para Israel, visto que as originais seriam colocadas na arca. Em todo caso, foi Deus que escreveu os dez mandamentos nas duas tábuas (28; o pronome oculto ele [escreveu] deve ser entendido como referência a Deus; ver v. 1), e Moisés escreveu o restante do concerto. O servo do Senhor ficou no monte quarenta dias e quarenta noites, como da primeira vez, e jejuou em ambas as ocasiões (cf. 24.18; Dt 9.9). Deus lhe deu força especial para fazer estes jejuns.

9. O Brilho do Rosto de Moisés (34.29-35)

Os israelitas constataram um fato incomum quando Moisés desceu do monte. Ele não sabia, mas a pele do seu rosto resplandecia (29), "pois ele havia falado com Deus" (NTLH; cf. NVI). Seu semblante irradiava um brilho divino em resultado do encontro face a face com Deus. Quando Arão e os filhos de Israel olharam para Moisés, temeram de chegar-se a ele (30); mas Moisés os incentivou, chamando-os. Diante disso, Arão e os príncipes da congregação se aproximaram para ouvi-lo (31). Depois (32), todos os filhos de Israel também se aproximaram para ouvir o relato completo de Moisés. Enquanto falava, a face de Moisés brilhava diante do povo. Após ter acabado de falar, ele colocou um véu sobre o seu rosto. O original em hebraico indica que o véu foi colocado depois de Moisés falar (cf. ARA; NTLH; NVI; o texto da RC insinua que ele ocultou a face enquanto falava). Pelo visto, Moisés tirava o véu quando entrava perante o SENHOR (34), depois saía e falava a mensagem ao povo com a face descoberta, cobrindo-a em seguida (para inteirar-se dos motivos, cf. comentários em 2 Co 3.13).

Esta evidência visual convenceu Israel que a mensagem de Moisés era de Deus. Há quem considere que o brilho era a semelhança do homem a Deus, a qual foi perdida na queda (Gn 1.27) e será nossa na ressurreição.72 A glória na face de Moisés era similar ao brilho de Cristo no monte da transfiguração (Lc 9.29-31), compartilhado também por Moisés e Elias. Pode ser que Estêvão experimentou um brilho deste tipo quando compareceu diante do Sinédrio (At 6.15). Em 2 Coríntios 3.7-18, Paulo afirma que esta glória pertence aos crentes em Cristo que vêem as realidades de Deus "com [a] cara descoberta". Este brilho interior do crente irromperá no dia da segunda vinda de Cristo e na ressurreição (cf. 1 J0 3.1,2). -

Os versículos 29 a 35 descrevem "A Face Brilhante". 1) E recebida num encontro com Deus, 29; 2) E descoberta por quem está pronto a ouvir, 30-32,35a; 3) E oculta a quem está endurecido para ouvir 33,35b; 4) E renovada na volta da presença de Deus, 34.

A CONSTRUÇÃO DO TABERNÁCULO, 35.1—38.3 1

Nos capítulos restantes de Êxodo, grande parte do material é repetição das instruções dadas a Moisés no monte (ver 25.10—31.11). O leitor deve consultar os comentários nestas passagens para informar-se da descrição do Tabernáculo e sua mobília. Os comentários nesta seção estão limitados à matéria nova e às variações que ocorrem.

1. As Ofertas Voluntárias (35.1—36.7)

Moisés reuniu o povo para instruí-lo sobre as necessidades, do Tabernáculo (1). Falou, primeiramente, da importância do dia de sábado (1-3). E possível que o zelo religioso, mesmo em construir a casa de Deus, pusesse em perigo a observância deste mandamento.

Em seguida, Moisés animou quem tinha coração voluntariamente disposto a dar uma oferta de matérias-primas para a fabricação dos artigos necessários para o Tabernáculo (4-9). Insistiu que todos os sábios de coração (10; “todos os homens hábeis”, ARA) fizessem tudo o que o SENHOR mandara (10; cf. 10-19).

Os filhos de Israel responderam com prontidão. Seus corações estavam abertos ao Senhor, por isso retribuíram com suas dádivas (20-29). Seus corações moveram-se e seus espíritos os impeliram (21). Deram de acordo com sua própria capacidade, visto que “todos os que podiam dar” (24, NTLH) levaram oferta aos trabalhadores. As mulheres também ofertaram o que puderam (25,26) fazendo trabalhos manuais. Os presentes mais caros foram dados pelos príncipes (27). Não se esperava que ninguém desse ou fizesse algo que estivesse fora de suas habilidades ou capacidade, e todos que deram ou fizeram agiram de bom coração.

Moisés deixou claro que Bezalel (30) e Aoliabe (34) foram escolhidos para executar determinadas tarefas por causa de suas habilidades especiais (30-35). Nem todos têm a aptidão de fazer todas as diversas tarefas na obra de Deus. Mas é importante que cada um aprenda a fazer de boa vontade as coisas que sabe e pode fazer. Temos a obrigação de aprimorar as habilidades nas quais somos peritos. Deus enche tais pessoas de sabedoria, entendimento e ciência (31) no trabalho que Ele escolheu que façam. Estes trabalhadores seletos também eram hábeis em ensinar os outros para ajudá-los no serviço a Deus (34).

Os materiais trazidos pelo povo foram entregues a estes artesãos especializados (36.1-3). Quando se verificou que o povo levava mais que o necessário para a obra (5), Moisés passou a ordem (6) para ninguém mais levar ofertas. Quando o Senhor abre o coração das pessoas para dar, nunca há falta na obra. “Deus ama ao que dá com alegria” (2 Co 9.7).

Nesta seção, “As Ofertas a Deus”: 1) Originam-se de um coração disposto a dar, 35.21,22,26; 2) São fornecidas de acordo com a

habilidade de cada um, 35.10,24,25,35; 36.1,2,4; 3) Resultam em fartura, 36.5-7.

2. A Execução do Trabalho (36.8—38.20)

Esta seção registra a obediência implícita dos trabalhadores às instruções explícitas que Deus dera a Moisés no monte (ver comentários em 25.10—27.19). O texto hebraico mostra notoriamente a precisão da execução do trabalho. Esta repetição de detalhes prova a lealdade minuciosa de Israel seguir rigorosamente as instruções de Deus. Tudo o que Ele dissera era importante, e nenhum detalhe foi negligenciado. O registro é testemunho da obediência perfeita de Israel a esse respeito.

Nova informação é dada acerca dos espelhos levados pelas mulheres que “se reuniam para ministrar” (ARA) à porta da tenda da congregação (38.8). Os espelhos eram feitos de bronze muito bem polido.

Eram abundantes no Egito e as próprias mulheres de lá os faziam para usá-los.74 As israelitas também tinham esses espelhos e os levaram em oferta de cobre (bronze) para a fabricação do altar (2) e da pia (8). É altamente louvável a oferta dessas mulheres para o altar de Deus proveniente de material originalmente criado para uso pessoal. Trata-se de “triunfo da religiosidade feminina sobre a vaidade feminina”.

3. O Valor dos Metais (38.21-3 1)

E difícil interpretar em valores atuais a importância monetária destas ofertas. Johnson escreve:

O ouro chegou a 29 talentos e 730 siclos ou cerca de 40.940 onças de peso troy. A prata mencionada adveio apenas do dinheiro da expiação (30.13,14), e atingiu 100 talentos e 1.775 siclos ou perto de 140.828 onças de peso troy. Não foi feito cômputo das doações voluntárias de prata. Esforços em estimar os metais preciosos em valores da moeda corrente de hoje não significam muito, pois não temos meio de saber o valor cambial daqueles dias. E...] O bronze usado pesava em torno de três toneladas.

A quantia era alta e revelava a dedicação do povo de Deus. É também significativo assinalar que o edifício descansava em bases de prata, as quais foram feitas com o meio siclo dado de forma igual por todo homem em Israel (38.26,27).

A CONFECÇÃO DAS ROUPAS, 39.1-3 1

Este é o relato dos trabalhadores que confeccionaram as roupas de acordo com as instruções dadas a Moisés no monte (28.1-43). Há somente pequena variação na ordem de alguns itens. A narrativa ressalta o trabalho cuidadoso e qualificado dos artesãos e enfatiza a exatidão da fidelidade às instruções de Deus. As palavras: como o SFNIIOR ordenara a Moisés, são repetidas seis vezes neste trecho bíblico (1,5,7,21,26,31). As pessoas queriam seguir explicitamente as palavras de Deus.

OS TRABALHOS PRONTOS SÃO APRESENTADOS A MOISÉS, 39.32-43

Levou cerca de seis meses a construção do Tabernáculo, sua mobília e utensílios. Quando tudo estava pronto, as peças foram levadas a Moisés (33) para inspeção. Ele conhecia o padrão e era o único qualificado para dar a palavra final. Se algo estivesse imperfeito ou defeituoso, teria sido rejeitado, mas nada disso ocorreu. Os trabalhadores trabalharam com zelo e atenção, e Moisés lhes garantiu que o trabalho fora feito como o SENHOR ordenara (43). Receberam a recompensa que todo bom trabalhador almeja: a aprovação de um trabalho bem feito. Moisés abençoou aqueles que fizeram o trabalho de modo tão fiel e hábil.

Connell escreve: “Ficamos nos perguntando por que todos os detalhes minuciosos do Tabernáculo e seus acessórios foram repetidos com tanta particularidade nestes capítulos.

Ocorrem-nos, pelo menos, duas razões: a narrativa inspirada mostra como estes homens foram cuidadosos em seguir fielmente todos os detalhes do padrão que Deus lhes ordenara; e como Deus se agrada e mantém o registro exato da obediência do seu povo.

A MONTAGEM DO TABERNÁCULO, 40.1-33

Deus instruiu Moisés a erguer o Tabernáculo no primeiro mês, no primeiro dia do mês (2), exatamente dois anos depois de partirem do Egito. Os versículos 2 a 8 descrevem a colocação da mobília. Quando tudo estava em seu lugar, Moisés ungiu o tabernáculo e toda sua mobília com o azeite da unção (9-11). O óleo, tipo do Espírito Santo, tornaria estes objetos sagrados. As coisas materiais separadas para Deus são tornadas santas pelo toque de Deus (cf. comentários em 13.2).

Nos versículos 12 a 15, há instruções detalhadas sobre a consagração de Arão e seus filhos (12). A passagem de Levítico 8.1-13 dá a entender que a cerimônia de unção do Tabernáculo e dos

sacerdotes ocorreu em data posterior. O uso da palavra perpétuo (15) só pode se referir à permanência do ofício sacerdotal na mesma família por muitas gerações; Cristo é o único sacerdote verdadeiramente perpétuo (Hb 7.17,23-25,28).

Quando a data marcada chegou — no mês primeiro, no ano segundo, ao primeiro do mês (17)—, a montagem do Tabernáculo estava pronta segundo as instruções (16-33). Cada peça estava armada e no lugar, começando com o tabernáculo propriamente dito (18,19), a instalação da arca dentro do Santo dos Santos (20,21) e a colocação do véu. Em seguida, mobiliaram o Lugar Santo com seus objetos (22-27) e puseram na frente a coberta (cortina) da porta (28). Por fim, montaram o altar do holocausto, a pia e o pátio (29-33). Ficamos imaginando a emoção e a admiração que as pessoas sentiram quando viram diante de si os resultados de suas contribuições tomando forma (ver Diagrama A e B).

Pela primeira vez, quando este dia memorável chegava ao fim, colocaram o pão sobre a mesa da proposição (23), acenderam as lâmpadas do candelabro (25) e queimaram no altar de ouro o incenso de especiarias aromáticas na presença do Senhor (27). Moisés, e Arão, e seus filhos, lavaram-se na pia antes de começarem a ministrar (31).

A DEDICAÇÃO DIVINA, 40.34-38

O povo fez o melhor que pôde nas ofertas voluntárias de bens e serviços; os trabalhadores especializados moldaram as matérias-primas em obras de arte adoráveis; Moisés aprovara os produtos finais e, segundo instruções, colocara-os na ordem apropriada para a casa de Deus.

Quando chegou a tarde no acampamento de Israel havia o novo santuário em seu meio. O povo estava contente e Moisés também. De repente, a nuvem (34), que até ali os guiara, moveu-se e pousou nas coberturas da tenda da congregação e a glória do SENHOR (um fogo ardente) encheu o Tabernáculo santo. A glória era tão luminosa que Moisés, que tentara entrar no santuário, não pôde entrar (35). Até este homem que falara com Deus face a face e que brilhara com a luz celestial constatou que, por enquanto, não dava para entrar em um lugar com tanta glória.

Nos versículos 36 a 38, o escritor antecipa o plano de Deus para o futuro. A nuvem e o fogo descansavam sobre o tabernáculo como

características permanentes. Sempre que a nuvem se movia, o tabernáculo tinha de pôr-se em movimento; sempre que a nuvem ou o fogo parava, a casa de Deus tinha de parar (36,37). Este padrão se seguiu todas (38) as jornadas de Israel. Pelo visto, mais tarde a intensidade da glória (35) se limitou ao Lugar Santíssimo, pois os sacerdotes tinham de ministrar no Lugar Santo.

A partir de então os israelitas podiam se alegrar na certeza de que o favor de Deus voltara. O caminho de volta a Deus depois de pecarem fora longo e árduo. Por certo tempo ficaram, talvez, entregues à própria sorte, mas agora sabiam que Deus estava com eles em misericórdia. Com esta observação gloriosa de perdão perfeito e aceitação divina, o Livro de Êxodo, uma narrativa do plano redentor de Deus, chega ao fim.

Nestes versículos finais, vemos “A Salvação Perfeita de Deus”. 1) Feita pela obediência implícita de quem o busca, 33; 2) Entrada instantânea à glória divina, 34,35; 3) Presença ininterrupta do Espírito Santo (36-38).

Elaboração pelo:- Evangelista Isaias Silva de Jesus

Igreja Evangélica Assembléia de Deus Ministério Belém Em Dourados – MS

Comentário Bíblico Beacon